

**FRAGMENTOS DA DESINFORMAÇÃO E DO ABANDONO:
VIVENDO E REFLETINDO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE
EDUCAÇÃO SEXUAL COM MENINAS NA RUA**

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO

**FRAGMENTOS DA DESINFORMAÇÃO E DO ABANDONO:
VIVENDO E REFLETINDO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE
EDUCAÇÃO SEXUAL COM MENINAS NA RUA**

SANDRA MARIA RICKMANN LOBATO

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, sob a orientação da Professora Doutora Esther Maria de Magalhães Arantes.

Rio de Janeiro

1994

A meus pais Marcello e Yvani, e
ao meu filho Rubens que torna-
ram o sonho possível.

Este trabalho é dedicado a **MA-
RIA IZAÍDE BATISTA (Tieta)**
menina- mulher, que pela sua co-
ragem e sensibilidade, se tornou
um símbolo de luta e transforma-
ção.

AGRADECIMENTOS

A todas as meninas-mulheres com quem convivi nestes tempos de aprendizagem na rua, que me ensinaram a relativizar o saber científico, a "ver" com os olhos do afeto e a entender que só vale a pena viver se for em constante luta por um mundo menos sórdido e injusto.

À Esther, orientadora e amiga, pela confiança.

Ao Professor José Américo Pessanha (in memoriam), que com a arte da retórica, sua sensibilidade e paixão pela vida, tornou possível, em mim, "mudar o olhar" e ver luz além das sombras.

À Heloisa, pelo apoio inestimável, nestes anos de IESAE

Ao Eugênio, parceiro de sonho e de luta.

À Professora Marlene Viana, eterno referencial de mestra, pela revisão dos originais.

À Dulce Accioli, pelo colo e pelas críticas.

À Lourdes Barreto, pelo momento de chegada na rua.

Ao Sérgio Nassar, um grande amigo, mesmo, à distância.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| RESUMO | 6 |
| ABSTRACT | 7 |
| PRÓLOGO | 8 |
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 10 |
| 1. TEORIZANDO | 18 |
| 1.1. Sobre a Educação Sexual | 19 |
| 1.2. Adolescer... | 23 |
| 1.3. Gravidez na Adolescência | 27 |
| 1.4. O Caminho da Rua | 31 |
| 1.5. A Metodologia da Práxis | 34 |
| 2. PROBLEMATIZANDO | 37 |
| 3. METODOLOGIA | 41 |
| 3.1. Caracterização do Universo da Pesquisa | 42 |
| 3.2. Procedimentos | 42 |
| 3.2.1. Instrumento | 42 |
| 3.2.2. Formação dos grupos | 42 |
| 3.2.3. Definição dos Objetivos | 43 |
| 3.2.4. Descrição da Prática Cotidiana | 44 |
| 3.2.4.1. Contexto | 44 |
| 3.2.4.2. Estratégias de Sobrevivência | 44 |
| 3.2.4.3. Acontecimentos Significativos | 45 |
| 3.2.4.4. Vínculos Familiares e Escolaridade | 45 |
| 3.2.5. Conhecimentos sobre Sexualidade | 45 |
| 3.2.5.1. Sobre o Corpo | 45 |
| 3.2.5.2. Sobre Contracepção | 45 |
| 3.2.5.3. Sobre a Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis | 46 |
| 3.2.6. Práticas Sexuais e Sentimentos | 46 |
| 3.2.7. Percepção de Si | 46 |
| 3.2.8. Análise do Cotidiano | 46 |

| | |
|--|----|
| 4. RESULTADOS | 47 |
| 4.1. Contexto | 48 |
| 4.2. Estratégias de Sobrevivência | 48 |
| 4.2.1. Atividades de Geração de Renda | 48 |
| 4.2.2. Relações Interpessoais | 50 |
| 4.2.3. Práticas de Risco | 52 |
| 4.2.3.1. Psico-Sociais | 52 |
| 4.3. Acontecimentos Significativos | 54 |
| 4.4. Vínculos Familiares | 55 |
| 4.5. Conhecimentos sobre Sexualidade | 57 |
| 4.5.1. Sobre o Corpo | 57 |
| 4.5.2. Sobre Contracepção | 59 |
| 4.5.3. Sobre a Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis | 59 |
| 4.6. Práticas Sexuais e Sentimentos | 59 |
| 4.7. Percepção de Si | 60 |
| 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 61 |
| 6. À GUIA DE CONCLUSÃO | 66 |
| 7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 69 |
| 8. ANEXOS | 72 |

RESUMO

Trata de uma experiência de Educação Sexual com meninas na rua, no Mercado do Ver o Peso e na Feira do Açaí, (Belém-Pará). Esta se concretizou em uma pesquisa-ação, tendo a metodologia da práxis, como estratégia utilizada tanto para a coleta de dados, como para o repasse de informações sobre o exercício da sexualidade, contracepção e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Analisa ainda, de forma sucinta, as formas de agrupamento, estratégias de sobrevivência, vínculos familiares, a ritualização da sexualidade neste universo, assinalando as práticas sexuais e seus significados. Reconstituindo, a partir da fala das meninas, ainda que de forma fragmentada, a situação da prostituição infanto-juvenil e sua rede de sustentação. Propõe uma forma de intervenção na realidade, partindo da Educação Sexual na rua.

ABSTRACT

An experiment in Sexual Education has been done, involving female teenagers from the surroundings of Ver-o-Peso Market and Feira do Açaí, both located in Belém-Pará. In order to achieve its aim while collecting the data and providing information about sexuality, contraception, prevention of Aids and sexual transmitted diseases, research has been strategically developed using a methodology based on praxis.

It also analyses in a succinct way how they group together, their strategies of surviving, family ties and their ability to experience sexual feelings.

Through the speech of these girls, although in a fragmented manner, it reconstructs the situation of juvenile prostitution and its support.

PRÓLOGO

Em janeiro de 1989, exatamente há 5 anos, produzi um documento que traduzia o meu projeto em relação ao Curso de Mestrado, caso ingressasse no mesmo...Eram tempos de seleção.... Eu me reportava, então, à possibilidade de rever, criticamente, teorias e técnicas que norteavam minha prática profissional, e o enorme interesse de trabalhar com pesquisa, por acreditar ser este o caminho para a produção de conhecimento, e indicativo de trilhas a serem percorridas na construção contínua da práxis.

Nos últimos anos tenho exercitado o sonho, e esta Dissertação é um fragmento do vivido, fruto de uma relação intensa, visceral, entre o sonhado e o possível, com todas as dores, alegrias, frustrações e emoções mobilizadas pelo ato de traduzir em palavras o vivido.

Falar de Educação Sexual é, para mim, falar de um sonho político, acalentado e em construção há alguns anos. É falar de planos na beira do rio, de cumplicidade, de riscos, de incompreensão, de frustração, de sustos, de olhos encharcados de curiosidade e afeto, de expectativas. É falar de cada uma de vocês que me escutaram, que me trouxeram dúvidas, me contaram histórias, falaram de si, depositaram em mim confidências e esperanças. É, sem dúvida, falar de amor, de descobertas, de amadurecimento, de vidas compartilhadas, de compromisso assumido.

É impossível falar sobre a Educação Sexual apenas tecnicamente, pois a concretização dela, de maneira plena, como agente mobilizador de energia afetiva e potencial de luta pelo resgate do humano, do "onírico", do prazeroso, do solidário em cada um de nós é, para mim, o sonho maior.

O desafio hoje, a meu ver, é re-inventar a Educação Sexual, para que esta não venha a servir ao consumismo ou ao controle indiscriminado de natalidade, ou ainda, se resumir na profilaxia de mazelas e doenças, na reafirmação do preconceito. O importante é que possa servir, à livre expressão da sexualidade, à reinvenção do prazer, ao amor e à qualidade das relações, ao ressurgimento do ser transformador e lúdico que existe em cada um de nós, à conquista do prazer com responsabilidade e saúde, em todos os níveis.

Os caminhos???? São ainda tortuosos e envoltos em sombras, como no mito da caverna de Platão. Acreditar, "mudar o olhar" e ousar alcançar a luz no fim da caverna, é o indicativo de caminho.

Esta dissertação poderia ser chamada de uma sinfonia a várias mãos, pois é fruto de minha experiência e de minhas reflexões, mas também de todas as pessoas com quem tenho vivido, convivido, discutido e refletido sobre a Educação Sexual ao longo dos últimos anos.

Ela reflete o olho da pesquisadora, mas, fundamentalmente, o olho da pessoa que se comoveu diante de um fenômeno da realidade, que transcende o objeto de estudo e se transforma em objeto de luta.

Escrevê-la foi, também, um ato solitário de pensar sobre a vida e seu significado, sobre minha escolha profissional, sobre os rumos de minha ação política. Ela traz o trágico e o sublime, a realidade cruel de nossas ruas e de nossas crianças, ela conta um pouco da história dessa gigantesca "criança abandonada" que é a Amazônia, ela fala das minhas raízes, ela, fundamentalmente, fala de mim, do meu olhar sobre a vida.

Agradeço a todos que estiveram comigo nestes tempos de academia e de rua, nestes tempos de descobertas e de sustos, tendo a certeza, de que o IESAE se eterniza em cada um de nós, alunos, professores, funcionários, "objetos" de pesquisa, enfim, pessoas que escreveram uma história que nenhum ato apagará.

"A marca da nossa ignorância é a profundidade da nossa crença na injustiça e na tragédia. O que a lagarta chama de fim do mundo, o mestre chama de borboleta"

Richard Bach

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"O primeiro ato de domínio exige que o dominado esqueça seu nome, perca a memória do seu passado, não mais se lembre de sua dignidade e aceite os nomes que o senhor impõe. A perda da memória é um evento escravizador"

Rubem Alves

A questão da prostituição, na cidade de Belém, está intrinsecamente ligada à história de ocupação da Amazônia. Esta sempre foi uma história de exploração e extermínio. Da qual, a mulher sempre foi a maior vítima. A mulher índia, a mulher negra, a mulher cabocla, a mulher menina.

Dos portugueses às multinacionais, a diferença é apenas tecnológica, porém, na forma de ocupação, é extremamente semelhante: é o extermínio, a destruição da natureza, de pessoas, da vida.

Em um dos relatos do Padre Antônio Vieira sobre a Amazônia, ele assinalava que, se uma flecha fosse lançada para o alto, ao cair, mataria um índio. Porém, na "história oficial", a Amazônia era desabitada. Da civilização primitiva, rica de vida solidária e fraterna, à civilização da "barbárie", a Amazônia se transformou em alvo de "preocupação mundial".

Em tempos idos, a pólvora, as balas de ferro nos canhões, a chibata. Hoje, os aviões, o "Tordon", o mercúrio e o asfalto. São mais de 400 anos, onde se prostitui a dignidade do amazônida.

Do discurso do **integrar para não entregar**, a prática nas últimas décadas, se resume no **incentivar para não devastar**. A indústria hoje, no estado do Pará, se resume à indústria madeireira e às recentes formas de industrialização primária de minérios.

No campo, a falência dos modelos estatais e "privados"(já que a grande maioria é subvencionado pelo Estado), configura um cenário de horror, miséria, abandono social e econômico.

Ao longo da Transamazônica e vicinais, por exemplo, a PA-150, convivem enormes espaços do latifúndio incentivado, com pequenas propriedades rurais distantes dos principais eixos de escoamento da produção, da assistência técnica e de recursos sociais públicos mínimos, que possam garantir as mais básicas condições de vida.

Da mesma forma que, do ponto de vista cultural, econômico e biológico, não se pode entender o Pará como uma única Amazônia, que luta para encontrar a unidade na diversidade, é preciso, neste contexto, buscar um novo conceito de prostituição.

O Pará é hoje o Estado mais populoso de toda a Amazônia e sua população vive sob condições extremamente difíceis e adversas. Fato recentemente denunciado em várias fazendas, o trabalho escravo, inclusive infanto-juvenil é uma prática comum e, dimensiona o caráter de ocupação da Amazônia.

Uma outra faceta da exploração da vida na região é o tráfico de meninas para os garimpos. Esse tráfico, em articulações poderosas, detém o poder sobre a vida e a morte das mesmas, que muitas vezes são levadas ao garimpo com promessas de dinheiro fácil em pouco tempo. Se configura então, para elas e para as famílias, uma saída para a miséria e a fome. O que parece, inicialmente, a salvação, se transforma em pesadelo, com risco de vida e degradação moral e psicológica, pois as meninas são transformadas em mercadoria, escravas, prisioneiras de dívidas intermináveis.

A ideologia da prostituição é a postura do dominador, que tenta justificá-la pela "bondade" do seu investimento, mesmo que isso custe a vida e o futuro de muitas gerações. O poder econômico tem comprado quase tudo, e muitos, e a vida na região vale muito menos que 100 litros de óleo diesel no garimpo.

Quem são as meninas e os meninos que habitando ou fazendo das ruas de Belém seu espaço de trabalho, são obrigados, para sobreviver, a prostituir-se como mais uma atração turística que a cidade oferece?

De onde vêm e por que ficam as meninas nos prostíbulos de Parauapebas e ao longo do projeto Carajás, nos garimpos de Itaituba ou espalhados em toda a região metropolitana de Belém, no Ver-o-Peso, na Feira do Açaí, no Bar do Parque, nas feiras do Entroncamento, da Pedreira, na Praça Batista Campos, em torno dos bilhares em Jaderlândia, no Terminal Rodoviário, ou simplesmente dormindo no último banco do ônibus?

Quem são? Como vivem? Quais são seus sonhos, suas esperanças e seu futuro? Essas meninas que, embora marginalizadas socialmente, preservam, enquanto indivíduo, a capacidade de amar e sonhar, que vivem uma ética própria, coerente com o grupo em que se inserem, resistentes às formas de expropriação mais sórdidas.

Quem são essas equilibristas que, sobre a tênue linha que separa a

vida da morte, entre um trabalho e outro em sua dupla e até tripla jornada de trabalho, brincam de elástico ou se extasiam diante da televisão?

Portam em seus corpos frágeis doenças que poderiam ser evitadas se tivessem acesso à informação e a cuidados preventivos adequados. Engravidam. Abortam. Engravidam novamente. Contaminam-se com as mais diversas doenças sexualmente transmissíveis por falta de informação e descaso das "parcerias", por não terem acesso, a grande maioria, nem à escola nem à rede básica de saúde.

Entre o enorme leque de problemas enfrentados cotidianamente por essas meninas, se coloca a questão da CONTRACEPÇÃO e da PREVENÇÃO DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS, como de caráter prioritário a ser trabalhado: Os números alarmantes de incidência de abortamentos muitas vezes com seqüelas irreversíveis, bem como, a gravidez na adolescência, com um índice significativo de morbidade, tanto para a adolescente quanto para o recém-nascido, são produto dessa desinformação. É importante enfatizar, ainda, ser essa questão uma das mais significativas na reprodução do círculo perverso de miséria, abandono, morbidade e mortalidade infanto-juvenil no Brasil, particularmente no Estado do Pará.

Como a grande maioria da população em questão se encontra total ou parcialmente excluída da rede de ensino básico, sendo a rua o seu lugar de maior tempo de permanência diária, se faz imprescindível o contato, o estabelecimento do vínculo e o conseqüente repasse de informações acerca das questões acima citadas, no espaço da rua, gerando alternativas contextualizadas e coerentes com a real experiência vivenciada pelas meninas no seu cotidiano.

Qualquer situação de repasse de informações deve ser precedida por um conhecimento acurado das crenças das meninas sobre a questão, bem como das lacunas a serem preenchidas a partir do conhecimento e/ou desconhecimento de questões específicas. É preciso que a menina se reconheça no que é informado, sendo fundamental a adequação da linguagem e a sintonia entre os discursos, condição "sine-qua-non" para o alcance dos objetivos.

O trabalho aqui exposto é fruto de uma experiência de falar do exercício da sexualidade, de contracepção e de prevenção de doenças, falando de afeto, de respeito e de solidariedade. Esta experiência se concretizou em uma pesquisa-ação,

tendo sido a metodologia da práxis utilizada como estratégia tanto para a coleta dos dados, como para o repasse das informações. Foram 2 anos de trabalho (janeiro de 1991 a dezembro de 1992) junto a meninas que transitavam frequentemente no mercado do Ver-o-Peso e/ou na Feira do Açaí. Foram observadas as formas de agrupamento, estratégias de sobrevivência, formas de convivência inter e extra grupo, a ritualização do exercício da sexualidade neste universo, assinalando as práticas sexuais e seus significados para as meninas. Reconstituindo, a partir da fala das mesmas, ainda que de forma fragmentada, a situação da prostituição infanto-juvenil e sua rede de sustentação.

Foram levantados, ainda, o conhecimento sobre o seu corpo, as principais crenças acerca de como evitar uma gravidez indesejada, as estratégias de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, os cuidados com a saúde, sua percepção de si enquanto mulher, e os sentimentos que permeavam as situações de prática sexual.

A partir da formação dos grupos, se iniciou o procedimento de coleta dos dados e foram traçados os objetivos dos grupos, se iniciando então, de maneira mais efetiva, a experiência de educação sexual na rua.

Com o objetivo de juntar forças, e colocar a pesquisa realmente a serviço da população posta à margem da sociedade, é que o trabalho se consolidou, tendo sido as parcerias, tanto a nível de instituições públicas, como entidades não governamentais, fundamentais, para a concretização da proposta. Ressaltando, ainda, técnicos que se dispuseram a contribuir voluntariamente nos momentos em que a interdisciplinariedade era fundamental.

De forma alguma negando a existência de questões estruturais que precisam de mudanças urgentes, esta proposta visa ocupar o espaço de construção que, impreterivelmente, precisa ser vivido lado a lado com esta população, entendendo ser este, o papel do trabalhador social que traz em si, a todo momento, questionamentos sobre a sua real participação no processo de transformação para o novo, para o inusitado, para o sonhado. Foi um momento, uma gota no oceano de necessidades das meninas envolvidas nos trabalhos em grupo, apenas mais uma etapa de reflexão e ação, em opção permanente de preocupação, estudo e trabalho. Porém, ficaram algumas

certezas, dentre elas a de que a Educação Sexual pode ser vivida e trabalhada técnica e politicamente em qualquer espaço, sendo a disponibilidade dos "atores sociais" envolvidos a única condição imprescindível.

1. TEORIZANDO

"Nenhum vento é bom, para quem não sabe onde ir"

Aristóteles .

1.1. SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

"A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nós fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente."

Paulo Freire

Sexualidade. Espaço híbrido. Entrelaçar de singularidade e coletividade. Instância multifacetária. Expressão de vida. Tal instância humana nos remete a múltiplas abordagens. Desde uma visão eminentemente biológica, mecanicista e fragmentada, até enquanto pulsão de vida, semente revolucionária, circunscrita historicamente, globalidade de um ser humano que não é um corpo e uma alma, ou um corpo e uma mente, como cruelmente fomos cindidos para melhor sermos "explicados", "mensurados" e "controlados". Nos remete, fundamentalmente, a falar do humano por inteiro, de desejos, cheiros, gestos, crenças, emoções, prazeres, significados ocultos, medo, culpa, amor... símbolos.

Falar da sexualidade é reacender o "contador de histórias", que fala do passado, de como foi a nossa história enquanto civilização. É entender que não é "natural" a opressão da mulher, a discriminação aos homossexuais, que os silêncios e as lacunas não são por acaso. É lembrarmos, então, ou descobrirmos que somos donos de nossa história.

A sexualidade, ao longo da história, tem sido expressada através de uma trajetória contraditória, refletindo cooperação ou opressão entre os homens. Pelo seu conteúdo revolucionário tem sido estimulada ou amordaçada, conforme os caminhos da humanidade. Tendo sido, porém, alvo privilegiado nas estratégias de controle e dominação.

Etimologicamente, o termo significa a condição de ter sexo, de ser sexuado. A partir do sexo genético, cromossômico, inerente ao ser vivo, somos dotados de sexualidade desde a vida intra-uterina.

O parto é o rito de ingresso do ser humano na vida social, adquirindo, a partir de então, um sexo civil. Do determinismo biológico da vida intra-uterina, às influências sócio-culturais ao longo da vida em sociedade, vai se constituindo o sexo

de criação, vão sendo forjados meninos e meninas, homens e mulheres.

Inicia-se, no momento de inserção na vida social, o processo de Educação Sexual, informalmente, nos olhares, nos lugares e formas de toque, nos risos, nas ordens, na repressão muitas vezes do lúdico e do prazeroso, enfim, entranhada no viver cotidiano, imprimindo a identidade sexual, que vai se corporificando em comportamentos "compatíveis" com os papéis sexuais.

Pode-se conceituar, no sentido mais amplo, a Educação Sexual como: "O conjunto das influências sociais que o indivíduo recebe e com elas interage, ao longo de toda a sua vida".¹

Através de um processo contínuo que mescla ações auto-educativas e heteroeducativas sistemáticas ou assistemáticas, o indivíduo vai internalizando as permissões e interdições na expressão da sexualidade, ao longo das diversas etapas de sua vida. As informações vão sendo repassadas com frequência nos espaços da clandestinidade: nos banheiros, corredores e cantos de cada quintal, escola, internato, de cada rua. Em cada espaço de conversa entre crianças e adolescentes, ou em cada lar, em cada expressão de constrangimento ou violência, de silêncios ou gritos, de informações truncadas ou risos abafados, nas portas fechadas. Ela tem sido um "falar do proibido", que é muito eloqüente em seus silêncios.

Em nossa sociedade ocidental, com uma moral profundamente ancorada em uma origem judaico-cristã, através do processo de socialização seja doméstico ou formal, regras normatizam e condenam o exercício da sexualidade como busca de prazer, legitimando-a enquanto prática, apenas em situações circunscritas. São encíclicas, cartilhas, livros, palavras infiltradas no cotidiano das crianças e dos adolescentes, produzindo e reproduzindo homens e mulheres infelizes, compactuados com o viver fragmentado, corpos desertizados, estressados, impotentes para viver plenamente a sua sexualidade.

Embora hoje se fale compulsivamente sobre sexo e que este seja o alvo preferencial da propaganda, esta só o banaliza e o coloca vinculado ao consumo, ao descartável, ao sucesso, ao possuir, à instância do ter, à revelia de qualquer livre

1. RIECHELMANN, Jose Carlos. A Educação Sexual no Sistema de Saúde. In: RIBEIRO, Marcos. org. Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos 1993. p. 284

expressão de cumplicidade e sentimento. Logo, o controle se dá às avessas. Ao silêncio, se contrapõe a homogeneidade dos discursos, circunscrevendo as práticas sob o engodo do livre arbítrio ou da cientificidade.

Considerando a educação no seu sentido mais amplo, pode-se afirmar que nenhum indivíduo foi excluído do processo de Educação Sexual, a partir do momento que receber educação é consequência do viver entre os homens, do viver em sociedade. Ressaltando-se que esta pode se concretizar de forma dúbia, difusa, repressora, assistemática, porém, coerente com o objetivo ideológico de reprimir o desejo sexual em sua livre expressão. A qualidade e diversidade desta educação vai ser sempre de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa no sistema de produção, sua inserção em uma determinada classe social.

Educar, em um sentido mais específico e libertador, significa mudança de atitude, transformação, novas formas de lidar com o cotidiano, novos hábitos: enfim, implica "mudar o olhar". Significa, ainda, informação contextualizada, coerente com a vontade de saber. É uma relação que se estabelece entre o desejo e a disponibilidade de aprender e o desejo e a disponibilidade de ensinar, tendo como suporte uma intensa troca.

É importante ressaltar:

"Num país como o Brasil, onde é crescente o número de crianças de rua, onde boa parte da população frequenta escola por muito pouco tempo (e muitas vezes por tempo nenhum), onde nem todos têm acesso à quantidade já insuficiente de instituições de saúde, os conteúdos adquiridos pela heteroeducação assistemática tem peso considerável e, progressivamente, predominante no conjunto do processo educacional".²

Ainda segundo José Carlos Riechelmann, a nível do que é repassado subliminarmente em um processo opressivo e repressivo, algumas palavras são eixo, como por exemplo:

- **Moral:** no sentido de preservação do instituído enquanto normas e preceitos, sendo a liberdade sexual percebida como uma ameaça à ordem constituída.
- **Natureza:** como uma decorrência da moral vigente existem práticas sexuais consideradas "normais", as que visam à procriação, e as "anormais" ou perversões.
- **Maturidade e Responsabilidade:** a primeira referindo-se à sexualidade adulta, estan-

2. RIECHELMANN, José Carlos. A Educação Sexual no Sistema de Saúde. In: RIBEIRO, Marcos. org. Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 285

do a segunda vinculada à obediência, da ordem social. Em nenhum momento está posto o afeto e o erotismo como essenciais.

- Dever, sacrifício e altruísmo: seriam os deveres ligados ao "amor" que, ao surgir, vem carregado de obrigações socialmente impostas. Fazer por amor passa a ser, fazer por dever e não por prazer, embora venha camuflado pelo altruísmo e pela "beleza" do sacrifício.
- Pudor, inocência e pureza: o corpo passa a ser dividido em partes puras (poucas) e impuras, sujas. A manifestação da sexualidade fica circunscrita no espaço da vergonha. À criança é atribuída a pureza e a inocência, não sendo admitida qualquer expressão explícita da sexualidade, já se iniciando, desde a mais tenra idade, a repressão da sexualidade.

Estas concepções acima norteiam grande parte daquilo que é "ensinado" sobre sexo em nossa sociedade, basicamente pelas instituições responsáveis pela educação formal e informal: a família, a escola, a igreja, a política e o binômio ciência/sistema de saúde.

Logo, é inconcebível qualquer trabalho que vise à conscientização do ser e estar no mundo, à melhoria da qualidade de vida e à alteração da ordem instituída, que não contemple a Educação Sexual. Ressaltando que esta não pode ser resumida em uma "Informação Sexual", tem que ser revestida de um caráter globalizante de compreensão e análise das questões estruturais e conjunturais que perpassam a sexualidade, concretizando o repasse de informações não de maneira tecnicista e impessoal e sim, latejando e expressando toda a emoção e o envolvimento histórico e coletivo desta informação.

Este desafio se coloca ainda a nível de todas as instâncias do viver adolescente, inclusive o espaço da rua, espaço de vida e sobrevivência de um número cada vez maior, nos principais centros urbanos do país, onde despertam, precocemente, e algumas vezes de maneira violenta e trágica, para o exercício da sexualidade sem terem informações adequadas que os instrumentalizem para lidar com as conseqüências inerentes à prática sexual, sem orientação consistente.

Como adolecer, na solidão (da multidão) do espaço da rua?

1.2. ADOLESCER...

"Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe, para a gente é no meio da travessia"

Guimarães Rosa

Travessia... Rito de Passagem... A Adolescência é, fundamentalmente, um momento inerente ao desenvolvimento do ser humano, e traz em seu bojo, transformações em todas as instâncias de vida. Muda um corpo, que pensa de forma já diferente, que é percebido socialmente de outra maneira, que sente desejos difíceis de entender e de conter. O cheiro muda, os interesses são confusos e se modificam à mercê do grupo. Se inaugura, então, a segunda década de vida.

É um momento de intensificação de lutas e lutos. A luta árdua da busca de uma identidade própria. O luto pela perda do corpo infantil, das referências da infância, se instituindo um hiato entre o já vivido (a infância) e o por viver (a vida adulta). O desligamento iniciado no momento do nascimento tem agora de ser efetivamente concluído:

*"Na falta de um "rito de passagem" institucionalizado e bem definido em nossa cultura, o adolescente não tem parâmetros para saber o que fazer para se tornar adulto"*³

A Adolescência inicia com a puberdade. Na menina, marcada pela telarca (crescimento dos seios), pela pubarca (crescimento dos pelos pubianos) e pela menarca, a simbólica primeira menstruação, quase sempre acontecendo entre os 10 e os 15 anos de idade. Acompanhando estas alterações, acontece o estirão puberal.

Os hormônios característicos do "ser sexuado", estrógenos e andrógenos, viabilizam, através de sua ativação, o crescimento do útero e da vagina, a distribuição da gordura no corpo (acentuando as curvas), o amadurecimento dos ovários, o alargamento da bacia, enfim, preparando o corpo para o pleno exercício da sexualidade e para a potencialidade de reprodução da espécie humana. A menina vai se transformando em mulher.

A menstruação vem acompanhada de crenças e mitos perpetuados entre as gerações femininas. São informações que têm o peso da tradição culturalmente herdada. A grande maioria destas crenças vem para a adolescente impregnadas de

3. JUNIOR. Oswaldo Martins Rodrigues. Os Conflitos Sexuais na Adolescência. In: RIBEIRO, Marcos. Educação Sexual; Novas Idéias, Novas Conquistas. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos, 1993. p. 110

caráter pejorativo, pontuando a menstruação como um dos muitos "fardos" inerentes ao ser mulher, dando continuidade, agora de maneira explícita, à perpetuação da desvalorização da mulher na nossa sociedade.

Estes momentos que marcadamente iniciam a adolescência, nem sempre vêm permeados de afeto e informações coerentes e contextualizadas, sobre o próprio corpo e suas transformações. A necessária escuta e o acolhimento para a adolescente, tão importantes neste momento, vêm com muito mais frequência do grupo de idade proximal do que da família, da escola ou dos adultos ou instituições de referência para a mesma:

"Obrigada a lidar com um novo corpo, vivendo o luto pela perda do corpo infantil, recebe também neste período, uma série de ritualizações, prescrições e proibições em relação a mulher que está emergindo. Este é um período em que as mães, tias e avós repassam todo um conjunto de normas e modos de perceber e lidar com o corpo e com a nova condição de mulher na sociedade, que nem sempre ajudam a adolescente a tratar adequadamente com esse período de sua vida".⁴

Apesar do apoio e troca existentes entre o grupo de iguais, extremamente importante para a adolescente, as dúvidas são muito parecidas, estando os membros do grupo sujeitos às mesmas regras de conduta e à mesma situação de desinformação.

Sobre as transformações internas no próprio corpo, sobre a função e especificidade de cada órgão, ela pouco sabe, dando margem a fantasias diversas, na tentativa de buscar uma explicação. As tentativas de conhecer seu corpo e o prazer que emerge do toque, através da masturbação, vêm permeados pela clandestinidade e sensação de estar transgredindo normas, nem sempre explícitas, dando espaço para a culpa e o medo.

Segundo a Dra. Albertina Duarte Takiuti, médica ginecologista do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, e Coordenadora do Projeto de Implantação para Atenção aos Adolescentes nesse Estado, os órgãos genitais das adolescentes são tão proibidos de serem tocados, lavados e manipulados que, como uma "zona de perigo", acabam sendo causa de grande parte das queixas ginecológicas, indo desde um simples corrimento, até a suspeita de uma má formação ou deficiência, desencadeando sentimentos assustadores para esta adolescente, em um momento vital

4. TAKIUTI, Albertina Duarte. A Mulher Adolescente: Uma Abordagem. s.n.t.

para a construção de sua auto estima.

A masturbação, que poderia ser uma forma legítima e importante de auto-conhecimento e auto-erotismo, fundamental neste momento de intensa necessidade de busca de si e descoberta do seu "novo" corpo, de sua sexualidade emergente, do desejo que a surpreende, passa a ser o espaço do proibido, do inquestionável.

A descoberta de si vem trazendo, também, o interesse amoroso e sexual pelo outro. A sedução passa a ser vivenciada no cotidiano, como uma forma de busca de si no outro, a "conquista" passa a ser também um meio de afirmação da nova identidade ainda em construção. Os jogos sexuais, não necessariamente a relação sexual vivida por inteiro, passam a ter um significado de descoberta para a adolescente.

Neste momento, fica bem marcada a diferença dos papéis sexuais: para os meninos, apesar da desinformação, a mensagem é de incentivo e permissividade; para as meninas, de proibições e culpa. Para a adolescente, então, se instala a ambivalência entre o querer e o não querer iniciar a sua vida sexual. De um lado, a repressão da família e de uma parte significativa do meio social, de outro, o seu grupo de amizade, e o seu próprio desejo lhe cobrando viver a experiência integralmente.

A primeira relação sexual é um momento extremamente importante para a adolescente, não só pelo seu caráter inaugural, mas enquanto ritual, na nossa sociedade, envolto em tabus que ressaltam o caráter doloroso e a necessidade da perda de sangue, como prova de consumação do ato de desvirginar, desencadeando sentimentos contraditórios de medo e curiosidade, que transformam a ansiedade, inerente a este momento, em tensão e dor. É importante ressaltar, ainda, a dissonância que se estabelece entre o que é dito pelos adultos, o que é lido nos livros românticos e o que é relatado e fantasiado pelas outras adolescentes, na mesma faixa etária ou proximal.

O exercício da sexualidade, para a adolescente, vem permeado pelo risco de uma gravidez indesejada, mas quase nunca evitada adequadamente. O pensamento mágico, característico desta etapa da vida, distancia, parcialmente, essa possibilidade e, agregado a desinformação, tornam a contracepção uma prática rara entre as adolescentes, assim como a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

Adolescer é sempre acompanhado de perdas, que, mais dolorosas serão, quanto menores forem os ganhos percebidos na nova etapa. A perda do corpo infantil é

superada, se o novo corpo é valorizado. Se as perspectivas para a vida adulta se mostrarem favoráveis, se torna menos árduo assumir as responsabilidades inerentes à vida adulta.

A oscilação dos sentimentos e emoções, a alternância entre o riso e o choro, a profunda tristeza e a mais completa alegria parecem ser as faces de uma mesma moeda, e constituem o cotidiano da adolescente. Este é um dos momentos em que o adulto entra como contra-ponto, no sentido de equilibrar e apoiar o adolescente no entendimento de si e de suas emoções.

Difícil se torna a objetividade e a universalidade, ao se tentar conceituar a adolescência, por ser esta um fenômeno que, embora inerente ao ser humano, enquanto amadurecimento biológico, é absolutamente contextualizado e circunscrito, histórica e culturalmente, no que diz respeito ao sentimento e comportamento, como manifestação de vida em sociedade e um evento singular na história de vida de cada um. As circunstâncias em que ocorre a adolescência são diferenciadas, e inseridas em um contexto de classe social.

O Brasil tem uma população feminina, com menos de 18 anos, em torno de 31 milhões, em uma população de 159 milhões, aproximadamente. Logo, as meninas e as adolescentes corresponderiam a 19% das pessoas que vivem e sobrevivem "subvivem" no país. A grande maioria das meninas assumem, desde muito cedo, tarefas e responsabilidades de adulto. Dentre estas tarefas, se coloca a busca da sobrevivência no espaço da rua.

"Hoje, no Brasil, poucas adolescentes têm o afeto da família, a segurança econômica, o acesso aos bens culturais da sociedade e os recursos, os mais diversos, que reforcem sua auto-estima, o sentido de cuidado e preservação do seu corpo de modo geral e, em particular, nos aspectos de sua sexualidade".⁵

Excluídas da escola, já absorvidas pelo mercado de trabalho, que as explora, já trazem nos ombros a sobrecarga da luta pela sobrevivência. Desde o nascimento convivem com o desamparo afetivo, econômico e cultural. Se a adolescência é o período de formação da identidade, como construir sobre uma infância marcada pelas perdas, pela carência em todos os níveis, pelos desafetos e pela ausência de acolhimento e proteção?

No espaço da rua, a adolescência vem mais cedo, no comportamento

5. TAKIUTI, Albertina Duarte. A Mulher Adolescente: Uma Abordagem s.n.t

de preservação da vida, nas responsabilidades e dificuldades do cotidiano, na violência sexual, na erotização do corpo ainda infantil. Mesmo que biologicamente as etapas não estejam cumpridas ainda, a menina se faz mulher, bem antes de poder viver plenamente sua sexualidade e procriar.

1.3. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA "

"Do teu ventre rebentam as multidões dos seres que irão pensar e tecer a teia da vida, com as cores e a poesia, muitas vezes, com o suor e a luta, outras tantas. E como a terra explode em vidas e ilumina o universo, enveredas no mundo dos teus seres, crias e sofres com eles, constroem máquinas e amansas os campos, fabricas os engenhos e edificas os sonhos, fazendo a história dos homens."

Terezinha Rocha de Almeida

Década de 60. O movimento hippie vem falando de paz, de amor, de liberdade sexual, através de mensagens contestatórias, em uma rebeldia que ressoou no mundo fragmentado e triste pós segunda guerra mundial, alterando profundamente comportamentos, concepção de mundo, a linguagem e a arte, valores e instituições, e contestando tabus, que sustentavam parcialmente a repressão sexual.

O "tabu da virgindade" passa a ser vivido às avessas, estimulando a vivência da sexualidade desde a adolescência. O amor livre, sem cobranças, sem envolvimento, sem institucionalização. A "imposição" da liberdade, sob o risco de ser "careta", deixou sem a opção do viver a sexualidade de acordo com a singularidade do SEU momento.

A adolescente e a mulher sensual e liberada passaram a ser o alvo prioritário da mídia, para vender toda sorte de mercadorias. O apelo erótico vende tudo, encanta, seduz, no uso indiscriminado de um corpo de mulher.

Segundo o Dr. Nelson Vitiello, ginecologista, integrante do Programa de Assistência Médica e Psicosocial à Adolescência em São Paulo, a precocidade da menarca, a tendência acentuada à urbanização, os casamentos em uma faixa etária mais avançada, são outros fatores significativos na antecipação do início da vida sexual ativa.

É importante citar, ainda, a erotização da infância e a precocidade com que crianças e adolescentes são lançadas às ruas, à mercê de si mesmas e de toda

sorte de abuso e exploração sexual. Descobrir e viver a sexualidade passa a ser mais um ritual no espaço de sobrevivência da rua, acontecendo cada vez mais cedo. Importante citar o abuso sexual no seio da família ou no grupo parental, de moradia e/ou de vizinhança, ainda na infância ou na pré-adolescência, erotizando um tempo que devia estar impregnado pelo lúdico e pela proteção.

Embora não seja um fenômeno recente, a gravidez na adolescência vem se tornando um "problema" a partir das duas últimas décadas, no Brasil. Sua incidência tem aumentado significativamente, em uma população cada vez mais jovem e, na grande maioria das situações, se configurando como indesejada, tornando também freqüentes as situações de abortamento na adolescência.

A gravidez na adolescência acontece a partir de múltiplas variáveis, tendo caráter fundamental a ausência de uma educação sexual contextualizada e coerente com as necessidades da adolescente. Outras variáveis precisam ainda ser pontuadas: a carência afetiva; a necessidade de ter algo só seu, uma vez que nada tem; por "punição", por estar mantendo relações sexuais "proibidas"; como forma de agressão simbólica a família; como forma de adquirir respeitabilidade no grupo (situação de meninas que moram na rua); o pensamento mágico como forma de lidar com a realidade; para testar a possibilidade de engravidar e outras que perpassam a singularidade de cada caso.

A ambivalência passa a ser o sentimento preponderante: o encantamento pela possibilidade, agora concreta, de ser mãe, mesclado pelo cuidar do bebê, são rechaçados pelo exílio do seu grupo de iguais, o afastamento da escola, a rejeição da família, o abandono ou as críticas do parceiro. A decisão de levar adiante a gravidez, ou abortar, é permeada por sentimentos de insegurança e abandono.

A gravidez nem sempre é percebida logo no início, por seus sintomas não estarem muitas vezes associados, pela adolescente, ao relacionamento sexual. Este fator leva à inexistência de um pré-natal ou a sua ocorrência tardiamente que, aliado a carências nutricionais, dificuldades emocionais, somatizações, falta de assistência médica e de apoio familiar ocasionam o aumento do risco de morbidade e mortalidade da mãe e do bebê.

Dentre as patologias de maior incidência na situação de gravidez na

adolescência estão: a toxemia gravídica, que se manifesta com a hipertensão arterial durante a gravidez, com episódio de eclâmpsia no parto; a anemia, em função da desnutrição; as doenças sexualmente transmissíveis, desencadeadas pela maior frequência de troca de parceria, agravada pelas ausência de higiene e tratamento adequados; a prematuridade e o baixo peso do recém-nascido; bem como, todas as doenças que se precipitam a partir do estresse e da desnutrição.

É importante ressaltar que a ansiedade, o medo, e o desamparo vivenciados pela adolescente no momento em que se inicia o trabalho de parto, levam-na a interferir no processo natural das contrações uterinas, ocasionando as distocias funcionais, elevando o tempo de duração do trabalho de parto. Como consequência, se fazem necessárias intervenções obstétricas como o fórceps de alívio e a cesárea, principalmente nas primigestas.

O puerpério imediato é um momento de insegurança e desamparo para a adolescente, que vivencia a depressão pós parto com muita dificuldade, interferindo no estabelecimento do vínculo mãe-bebê, e na situação de amamentação, cuidados de higiene e acolhimento do recém-nascido.

O aborto quando se configura na "opção", é vivenciado de forma dolorosa física e emocionalmente. Através da ingestão de ervas ou drogas alopáticas, que ocasionam hemorragia e dores abdominais intensas, levando a adolescente a ser internada em caráter de urgência em uma Maternidade, onde intercorrências, muitas vezes de caráter letal, acontecem.

Quando o abortamento é provocado a partir de uma intervenção cirúrgica, mais comumente a curetagem, em locais clandestinos e sem os necessários cuidados quanto à assepsia, sem os recursos técnicos imprescindíveis, com profissionais e muitas vezes leigos sem competência técnica compatível com a intervenção, os resultados são assustadores, com elevado índice de infecções, hemorragias, lesões viscerais e complicações na anestesia.

A nível psicológico, o aborto traz seqüelas que muitas vezes acompanham a adolescente pelo resto de sua vida, a culpa e a depressão, que podem vir a se expressar na dificuldade de formação de vínculos emocionais e/ou em disfunções sexuais.

Estimando-se que a população brasileira de adolescentes do sexo feminino esteja em torno de 15 milhões, e que 1 milhão destas se submeta, por ano, a interrupção de uma gestação, temos então um dado dramático, que nos remete à questão da contracepção na adolescência.

É fundamental ressaltar a importância do conhecimento, por parte da adolescente acerca dos métodos contraceptivos adequados a sua faixa etária, estilo de vida, parceria, especificidades ginecológicas e da possibilidade concreta, através do Sistema Único de Saúde, de ter acesso ao método e ao acompanhamento médico e psicológico durante o período de utilização. É importante assegurar, ainda, o acesso da adolescente aos serviços de Planejamento Familiar, mesmo sem a presença de um familiar ou adulto de referência, por ser esta exigência fator complicador quanto à busca de atendimento pela adolescente.

Situações como a necessidade de clandestinidade na utilização do método, já que sua própria vida sexual é clandestina, fazem com que sejam necessárias estratégias para que este seja "escondido" da família, o que facilita os esquecimentos e as desistências na utilização.

Preconceitos quanto aos métodos, mais frequentemente quanto à pílula e suas conseqüências, amplamente reforçados pelo meio social, a necessidade de ter cooperação do parceiro e a instabilidade emocional inerentes à adolescência, facilitam as situações de abandono ou uso inadequado do método contraceptivo.

Outra questão a ser pontuada, é a necessidade da adolescente ser escutada nas suas crenças - mesmo que aparentemente irracionais - seus medos e suas dificuldades quanto ao exercício da sexualidade, e a contracepção. Conhecendo sua história, é possível prever possíveis "esquecimentos" na utilização do contraceptivo ou a resistência à utilização de um ou de outro método. Devendo-se sempre enfatizar que a questão não é controlar a natalidade de forma repressora e sim oportunizar que a adolescente viva a experiência de exercitar sua sexualidade sem, conseqüências indesejáveis para ela e o seu grupo proximal.

Não falar destas questões, com o intuito de não "despertar" a adolescente para o exercício da sexualidade, é uma atitude "ingênua" e irresponsável que, historicamente, se tem acompanhado nacionalmente com estatísticas e tragédia coti-

dianas cada vez mais assustadoras. Indignar-se com as conseqüências é absoluta incompetência, se não vier acompanhado de uma ação preventiva, eficaz e despida de preconceitos.

As questões acima pontuadas se tornam ainda mais trágicas e desafiam mais ainda a sociedade como um todo e, particularmente, os profissionais da área de saúde e educação, quando nos remetem ao espaço da rua, para onde são encaminhadas pelas dificuldades da vida, diariamente, milhares de crianças e adolescentes para o CAMINHO DA RUA.

1.4. O CAMINHO DA RUA

"...cidades amazônicas, cidades que a cada dia se transformam mais em depósitos de miséria delas mesmas e do campo empobrecido, atraindo com suas luzes todos os deserdados, como um bordel de promessas."

Nazaré Imbiriba

O Estado do Pará, com uma área de 1.2 milhões de quilômetros quadrados, tem uma população em torno de 5 milhões de habitantes. Nos últimos 30 anos, a população, a economia e a pobreza vem aumentando assustadoramente. A economia que gera divisas para o Estado, apesar de permanecer em uma curva ascendente, muito pouco tem trazido de benefícios sociais para a grande maioria da população, que gera essa riqueza.

O Pará tem sido destino de milhares de imigrantes, oriundos dos mais diversos cantos do país. Esta população preferencialmente busca o interior, configurando um perfil de caráter predominantemente rural, colaborando para uma transformação na base produtiva do Estado, com atividades vinculadas à extração de recursos naturais, reciclando o extrativismo, imprimindo em algumas áreas um caráter de devastação.

A expansão da agropecuária, da extração madeireira, da exploração mineral, aliada à especulação fundiária, inclusive com a invasão de áreas indígenas, configurou uma expansão da área física privatizada e o acirramento dos conflitos agrários, criando dificuldades para a vida e sobrevivência do amazônida, que vai sendo expulso da terra secularmente sua, não de direito, mas de fato, por herança da natureza.

Junto com a imigração, as lutas fundiárias, os garimpos, os grandes

projetos, vieram os conglomerados urbanos em torno da Transamazônica e estradas vicinais, trazendo para o campo os problemas da urbanização acelerada e sem a mínima infra-estrutura. Na grande maioria dos municípios do interior do Estado faltam escolas adequadas e em quantidade suficiente para as crianças e adolescentes que lá habitam.

Falta saneamento básico, o atendimento na área de saúde não dá conta nem da imunização às doenças da região, inerentes ao clima e à proximidade da floresta, quanto mais de enfermidades que necessitem de algum tipo de intervenção mais especializada, confluindo para as áreas pólo, mais frequentemente para a capital (Belém), se possível for o transporte, quase sempre dificultado pela precariedade do sistema rodoviário da região ou das longas distâncias a serem percorridas pelos rios.

As populações ribeirinhas, que secularmente viviam do peixe, da mandioca e das frutas regionais, com as freqüentes alterações no eco sistema e o extrativismo desordenado, para a exportação do palmito e das frutas regionais, têm migrado para a cidade, atraídos pela ilusão de emprego "de carteira assinada", para si, e escola para os filhos. Ao chegar na cidade, o cintilar das luzes, absolutamente deslumbrante, se visto do rio, mostra a sua outra face: o desemprego, a falta de moradia, a fome, a miséria. Aglomeram-se na chegada, na casa de parentes ou amigos do seu lugar de origem. Os dias passam e a desilusão se forja. A cidade grande, a capital, passa do lugar do sonho ao lugar do pesadelo.

Por ser uma mão-de-obra sem a especialização e nível de escolaridade exigidos pelos poucos empregos que ainda restam na cidade, é absorvida pelo sub-emprego. As mulheres vão ser domésticas, sem a tão sonhada carteira assinada; os homens, fazem "bicos" os mais diversos, quase sempre na construção civil ou nas feiras, as crianças e adolescentes são lançados no espaço da rua, para vender toda sorte de objetos ou serviços.

O dinheiro arrecadado na rua passa a ser fundamental para a precária subsistência da família. Vão sendo estipulados, como forma de controle da venda, parâmetros quantitativos do que deve ser faturado diariamente, sob pena de sanções as mais diversas para a criança ou o adolescente, caso a quantia estipulada não seja atingida.

Procurando assegurar a sobrevivência da família, contraditoriamente o que ocorre é a exposição da criança e do adolescente a inúmeras dificuldades na rua, fazendo com

que elas, a partir da necessidade do núcleo familiar e dos apelos do grupo de referência na rua, comecem a praticar inicialmente pequenos atos ilícitos e adquirir hábitos e comportamentos de enfrentamento da realidade profundamente auto-destrutivos.

Às meninas cabe, na maioria das vezes, a dupla jornada de trabalho. Com a saída da mãe para o trabalho cabe a elas a realização dos trabalhos domésticos durante uma parte do dia, para em outro momento do dia ir à rua, continuar sua luta pela vida.

Aos poucos a prostituição vai se insinuando como mais uma estratégia de sobrevivência, com todos os significados de desvalorização social e pessoal. O corpo cobiçado, é também o corpo depreciado, banido para o lugar comum.

A miséria, o abandono, os maus-tratos, os usos e abusos do próprio corpo, da própria vida, vão constituindo e mantendo o caminho da rua.

*"O corpo converte-se em objeto privilegiado das agressões por parte dos outros; seja comprando-o ou maltratando-o. Também para as próprias meninas, ora vendendo-o, ora mutilando-o. O corpo se converte, ainda, em uma ferramenta para a construção de sua identidade. A menina de rua aprende e exercita o que lhe foi permitido saber: a falta concreta de opções, a fome, o abandono, a perda da auto estima, que a levam à prostituição. Constrói a sua identidade com base em designações (negativas) de outras pessoas: perdida, desgraçada, prostituta... palavras que utilizara para se auto-definir. Sente culpa frente a esta identidade, sem compreender que a mesma sociedade que a acusa e a designa desta forma não lhe deu oportunidade de escolha."*⁶

O caminho da rua passa a ser o caminho do abandono da escola, de falta de perspectivas, das drogas e da dor, mesmo que perpassado para a adolescente pela utópica liberdade de estar cuidando da própria vida, quando na verdade se encontra é abandonada à própria sorte. Cuida de si, ainda em um momento de ser cuidada, tendo esse direito assegurado na própria lei ⁷, de um país que se nega enquanto futuro quando transgride suas próprias leis e se inviabiliza como Nação.

A rede de sustentação da prostituição infanto-juvenil é, fundamentalmente, a pobreza, o desemprego, a falta de oportunidades e cidadania de homens e mulheres, que não se encontram instrumentalizados nem para escolher a quantidade de filhos que querem ter, e reproduzem no seu dia-a-dia o círculo vicioso da miséria. Ressaltando, ainda, o caráter de mercadoria que é atribuído às mulheres, especificamente às adolescentes em questão que passam a ser um bom "negócio", um objeto a ser explorado por donos de boite e casas de prostituição, onde a menina é escolhida pela idade (quanto mais jovem mais vale) e pelo peso, a fim de satisfazer a todo tipo

6. "O Mandado do UNICEF sobre a Menina" CEAP. 1990

7. Lei 8.069 Estatuto da Criança e do Adolescente. s.n.t.

de fantasias sexuais.

Pelo Caminho da Rua, tem que ser trilhado o caminho do Psicólogo, em busca do "que-fazer-psicológico" diante de uma realidade possível de múltiplas abordagens, todas emergentes e urgentes, podendo buscar na metodologia da práxis uma possibilidade de intervenção em um fenômeno que, muito mais que objeto de estudo, é um objeto de luta.

1.6. A METODOLOGIA DA PRÁXIS

"Que dança e dançarino sejam uma única e mesma coisa"

(O mestre arqueiro, em A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen, E. Herrigel)

A Metodologia da Práxis tem como referencial estratégico transformar o ato político-educativo em uma possibilidade concreta de pleno desenvolvimento da capacidade de compreensão e análise do cotidiano, bem como, a apropriação por parte do sujeito de sua própria realidade, instrumentalizando-o quanto aos meios de transformá-la a seu favor.

O objetivo da ação é destituído de qualquer "pretensão" de neutralidade, trazendo em seu bojo a concepção de que o conhecimento é um processo contínuo de construção, e prática social, refletida pelo homem em todas as suas vivências, e em todos os níveis, ocupa o lugar privilegiado na produção do conhecimento.

Neste processo, educador e educando são sujeitos da aprendizagem, sendo o potencializar da capacidade criativa de cada um, o principal elo entre os mesmos. O desafio para o educador é, tornar-se um sujeito entre os sujeitos.

A educação passa a ser percebida e vivida em seu caráter omnilateral e omnidimensional, abrangendo todos os campos essenciais e todas as dimensões existenciais do homem. É o conhecimento vivenciado em todos os sentidos, por todos os poros e meios de sensação e percepção. É a apropriação da vida enquanto fenômeno multifacetário. é a apropriação de si mesmo, de forma contextualizada, dinâmica, fluída, histórica.

A educação vivida e entendida desta forma vai contra toda uma prática historicamente constituída e que tem servido de instrumento de dominação e

submissão da grande maioria da população brasileira.

A apropriação do conhecimento se dá a partir do forjar, à luz do contexto e das necessidades dos sujeitos em questão, de mecanismos e estratégias de aprendizagem que viabilizem a compreensão e valorização do seu próprio saber, no contexto da cultura na qual está inserido, revertendo este conhecimento para a transformação de sua própria realidade.

A história do conhecimento universal é uma história de milênios de aprofundamento das explicações para os fenômenos da natureza e das relações entre os homens. É uma tentativa contínua e interminável de um sentido para vida, uma razão de existir. Ao longo desta busca de todos os homens, no espaço híbrido, interface entre o individual e o coletivo se constituiu o desenvolvimento da história e da consciência.

Esta consciência esta que tem que dar conta de um caleidoscópio gigantesco e intensamente mutante, necessitando de formas diferenciadas ao longo do tempo de compreensão da realidade.

Face ao exposto, se coloca como um compromisso fundamental da Metodologia da Práxis, através da associação entre os métodos de repasse das informações e da estimulação e orientação para o descobrimento, para a apreensão do real, pelas populações marginalizadas, tanto no seu aspecto específico e localizado, quanto no âmbito mais geral.

É o conhecimento e a valorização de seu próprio corpo, de sua sexualidade, de suas necessidades nutricionais, de seu universo psicológico, de seus direitos sobre si mesmo, suas dores e pesares, seus sonhos e suas realizações, sua saúde, suas estratégias de sobrevivência, seu trabalho e seu estilo de vida, enfim e o reconhecimento e o susto de se perceber com direito a ser cidadão de fato e de direito.

É a aquisição do hábito de pensar sobre si, sobre suas ações no mundo, e a reflexão alternada com a ação, em uma contínua e ininterrupta dança do pensar e do agir:

"A Práxis é aquela ação crítica e criativa: é a ação de ir além. É PÔR EM PRÁTICA a necessidade, a paixão, o desejo, o sonho. É o duplo movimento de descobrir os determinantes do sentido em que se move o Real e "mergulhar" no real. TANTO PARA MOVER-SE, DANÇAR, FLUIR COM ELE, quanto para REDIRECIONÁ-LO, REVOLUCIONÁ-LO." ⁸

8. ARRUDA, Marcos. Metodologia da Práxis. Rio de Janeiro. PACS. 1989.

Entendendo-se este redirecionamento, como uma revolução no sentido de um salto qualitativo, resultado de toda uma acumulação histórica quantitativa, que subitamente, de forma descontínua, se corporifica na ação transformada.

A Metodologia da Praxis é, então : " O CONJUNTO DE PROCEDIMENTOS GERAIS ABSTRATOS, capazes de instrumentalizar o Sujeito individual e coletivo para realizar essa articulação no plano específico do seu trabalho, da sua vida, das suas relações, da sua luta; e, por outro lado, A VISÃO DE MUNDO, A FILOSOFIA E O PROCESSO POLÍTICO nas suas linhas mais gerais de uma sociedade em que as relações de poder ocorram entre Sujeitos, entre seres humanos potencializados em todas as suas dimensões, portanto, que sejam relações de respeito, de igualdade, de autêntica e recíproca liberdade e solidariedade. A VISÃO DE MUNDO DA PRÁXIS é a que concebe um mundo em processo de construção por esses Sujeitos, que estão também se construindo, à medida que constroem esse mundo."

A Metodologia da Práxis se concretiza como estratégia metodológica a partir de cinco etapas de operacionalização: DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS, DESCRIÇÃO DA PRÁTICA ou PESQUISA DA SITUAÇÃO A ANALISAR, CRIAÇÃO DO MÉTODO DE ANÁLISE, ANÁLISE DA PRÁTICA e SÍNTESE E PLANEJAMENTO.

2. PROBLEMATIZANDO

"Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais"

(artigo 5º da Lei nº. 8.069, "Estatuto da Criança e do Adolescente")

A grande maioria das crianças e adolescentes que fazem da rua seu espaço de sobrevivência "subvivência", são do sexo masculino. Meninos que precocemente são lançados às ruas para delas extrair a manutenção de sua própria vida e/ou de parte de sua família ou grupo de referência.

Nos últimos 10 anos, segundo escassas informações quantitativas existentes sobre a questão, as meninas começam a integrar, de forma mais efetiva, esse universo de crianças e adolescentes de/na rua. Este fenômeno, ainda não suficientemente entendido cientificamente, tem sido alvo, nos últimos anos, de preocupação a nível das entidades não governamentais e instituições públicas a nível nacional.

É importante ressaltar que a trajetória de socialização da menina se diferencia da do menino, sendo acentuadas as diferenças de gênero, no processo de instrumentalização para a vida, tanto a nível doméstico, quanto formal. À menina são ensinadas as tarefas domésticas e, desde a mais tenra idade, cabe a ela, ainda no seio da família, ser responsável pela organização e realização destas tarefas, forjando passo a passo a internalização do "papel feminino" com as características de submissão e subserviência, inerentes à sociedade machista e falocrática em que vivemos.

Ela é responsável pela casa, pelos irmãos menores, pela administração da miséria e da fome do cotidiano, muitas vezes sem acesso à escola e à educação, fora da dimensão do espaço do lar. Meninas-Mulheres que se transformam em colo e acalanto, em alimento e companhia, quando ainda no colo e no aconchego precisavam estar. A reprodução ideológica do papel da mulher vai sendo forjada no cotidiano destas meninas.

Quando essas meninas saem em busca de um trabalho remunerado, fora do espaço do lar, na grande maioria das vezes passam a morar com uma outra família, para novamente serem responsáveis pelos serviços domésticos. Inexistindo mais uma vez o espaço do lúdico, do prazer, o espaço para si.

Quando é imprescindível a força de trabalho destas meninas no lar, pelo menos por uma parte do dia - ressaltando-se o número cada vez maior de famílias chefiadas apenas pela mulher, que se encontra fora do espaço do lar durante uma grande parte do dia - estas assumem uma segunda jornada de trabalho, na rua, inicialmente como vendedoras dos mais variados objetos.

A violência no seio da família, os abusos sexuais entre as paredes do lar, a miséria, os episódios de alcoolismo e perda do controle entre os adultos, também massacrados pelos problemas do cotidiano, o trabalho excessivo, a falta de afeto, a ausência do espaço para o lúdico e, fundamentalmente, a necessidade e a obrigação de contribuir com o míngua orçamento doméstico, levam essas meninas a passarem cada vez mais tempo na rua.

A rua desnuda para a menina, inicialmente, o mundo da liberdade e da autonomia que, no desenrolar dos dias, vai se mostrando um espaço para o qual não se encontra instrumentalizada para viver e lidar com as situações emergentes. Inicia-se, um processo de ressocialização, face às necessidades de solução dos problemas forjados no dia a dia na rua.

A menina vai percebendo limites impostos, sendo necessários novos padrões de comportamento. Tem de aprender a se defender da discriminação, da ação repressiva da polícia, das agressões a todos os níveis: físico, sexual, psicológico.

Seu corpo é cobiçado sexualmente pelos meninos que também transitam nas ruas, pelo policial, pelo peixeiro, pelo turista, enfim, pelos mais diversos atores que fazem parte do seu universo. Assim, se estabelecem as contradições, entre o que foi lhe ensinado na família, como o papel da menina e posteriormente o papel da mulher, e as demandas da rua, lhe impondo um comportamento diferenciado gerando conflitos e culpas, que vão oportunizando o forjar de uma nova identidade, depreciativa, levando a menina a uma baixa auto-estima e uma percepção negativa de si mesma, enquanto pessoa.

Como em uma gangorra, alternam-se os comportamentos de rebeldia e submissão, autonomia e depreciação. Sobre esse corpo cobiçado, ela pouco sabe, sobre o ato sexual e suas conseqüências se mesclam fantasia e realidade, tendo o papel do pensamento mágico o caráter de "resolução" imediatista do medo de engravidar ou se contaminar pelas mais diversas doenças.

A grande maioria, antes do 15 anos já engravidou pela primeira vez, perdendo a partir da gravidez, muitas vezes, o contato com a família que a expulsa, compactuando hipocritamente com valores da sociedade machista, como se não tivesse nenhuma participação naquela situação para qual a menina foi empurrada com a

autorização e incentivo da família, perpetuando-se, neste momento, o círculo vicioso e perverso da "subvida".

Quando a "opção" é o aborto, pelo seu caráter de clandestinidade, envolve riscos gigantescos, trazendo muitas sequelas irreversíveis quanto à fecundidade futura, e o pleno funcionamento do organismo como um todo, colocando em risco a vida da adolescente. Traz ainda sérios problemas de ordem emocional, culminando muitas vezes com episódios intensos de depressão e a percepção de si como uma pessoa má e destruidora.

O presente trabalho propõe-se a abordar a questão da contracepção e da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis junto a meninas que fazem do Ver-o-Peso e/ou da Feira do Açaí seu espaço de sobrevivência e/ou moradia. Parte-se da premissa de que é fundamental construir o conhecimento a partir do cotidiano e das crenças das meninas a respeito das questões acima citadas. Parte-se do conhecimento já existente para reconstruí-lo à luz das informações científicas, ditas em linguagem compatível com a da população alvo.

Parte-se, ainda, da hipótese de que as meninas, apesar de precocemente viverem o exercício de sua sexualidade, a partir de práticas sexuais diversas com inúmeras parcerias, muito pouco conhecem de si enquanto mulheres, desconhecendo o funcionamento de seu próprio corpo e do corpo dos parceiros, utilizando estratégias ineficazes de contracepção e prevenção de doenças. Considerando ainda que os sentimentos que permeiam as relações sexuais são de caráter depreciativo, se configurando em um cotidiano de desinformação e abandono.

Considera-se que uma experiência de Educação Sexual na rua, se constitui em uma experiência piloto, geradora de conhecimento e estratégias metodológicas compatíveis com o enfrentamento parcial da questão ora em foco.

3. METODOLOGIA

"Não, não tenho caminho novo, o que tenho de novo é o jeito de caminhar"

Thiago de Mello

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa se constituiu de um grupo de 36 meninas e adolescentes, na faixa etária entre 9 e 16 anos, que transitavam, moravam ou exerciam algum tipo de ocupação, continuamente, no Mercado do Ver-o-Peso e/ou Feira do Açaí.

Todas elas oriundas da periferia da cidade de Belém e vivendo em situação social de risco.

3.2. PROCEDIMENTOS

3.2.1. Instrumento

Foi elaborado um roteiro de entrevista, (em anexo) que norteou a coleta de dados. Sendo importante ressaltar que parte dos dados foram coletados em entrevistas individuais, e parte durante os trabalhos em grupo.

3.2.2. Formação dos grupos

Os grupos se formaram a partir de um momento inicial de observação da dinâmica do cotidiano da população alvo, de um processo de aproximação e formação de um vínculo de confiança e afeto e de conversas informais sobre a vida em geral, sobre o objetivo inicial da pesquisadora em permanecer sistematicamente no referido local.

Partiu-se prioritariamente da formação de um grupo no Mercado do Ver-o-Peso. Este grupo se reunia duas vezes por semana, sempre no mesmo horário, instituindo, após um tempo, um hábito de convivência, um momento esperado, porém absorvido pelo cotidiano.

A formação deste grupo tinha, inicialmente, o objetivo de aproximação e conhecimento da realidade vivida por elas, não só na observação do seu cotidiano, mas com a participação em momentos significativos, e valorizando, primordialmente seus discursos acerca de sua própria realidade, na tentativa de perceber suas concepções sobre o mundo.

Posteriormente, em torno de 6 meses após a formação do grupo acima citado, se formou um segundo grupo, na Feira do Açaí, com as mesmas características do primeiro, só que no período da noite.

Ambos os grupos se caracterizavam enquanto grupos abertos, onde a única condição para participar era o interesse no que seria discutido, sendo a frequência bastante oscilante em função de suas próprias questões de sobrevivência. A média de participação foi em torno de 8 participantes, por encontro. Ao longo dos 2 anos de trabalho com os grupos, passaram por eles 36 crianças e adolescentes.

3.2.3. Definição dos Objetivos

Em um primeiro momento falei sobre mim, porque havia ido à rua procurá-las e o que poderia oferecer como troca de acordo com as minhas especificidades profissionais e minha disponibilidade pessoal.

Neste momento, as meninas questionavam muito sobre os mais diversos assuntos, porém quase nada falavam de si. Combinamos local e horário, após levarmos em conta as necessidades do grupo e a própria dinâmica do espaço da rua, onde seriam nossos encontros.

Durante as primeiras semanas fui criando laços, passando a me movimentar com mais desenvoltura pelo espaço da rua. Após este momento inicial começamos a discutir o que significávamos enquanto grupo, a expectativa de cada um sobre o grupo e a vida em geral.

A necessidade de definirmos os nossos objetivos se tomou premente. Definimos que o nosso objetivo a nível mais imediato seria o de se caracterizar como um grupo de apoio, um espaço de escuta e reflexão, e encaminharíamos as questões mais urgentes quanto a necessidades básicas de saúde e manutenção da vida. A ênfase maior seria dada sobre as questões relacionadas às práticas sexuais e suas consequências, no que tange às doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez indesejada e os abortamentos, já que algumas das meninas tinham a prostituição como uma de suas estratégias de geração de renda.

Permeando o imediato, começou-se a questionar, a nível mais abran-

gente o porquê da situação de miséria vivida por elas. Por que a grande maioria estava fora da escola? O que significava para elas, em termos de futuro, passarem tanto tempo sobrevivendo no espaço da rua? O que era o Estado? O que o mesmo tinha a ver com a situação delas? Como elas se percebiam no mundo e na família? Onde elas poderiam buscar ajuda? Que serviços poderiam ser utilizados por elas no cotidiano a nível das retaguardas institucionais e das entidades não governamentais?

3.2.4. Descrição da Prática Cotidiana

Esta etapa foi realizada com uma riqueza de situações de descoberta, modificando muitas das "certezas" sobre o cotidiano das meninas. Foi uma etapa referenciada basicamente na técnica de Observação Participante, concomitante ao grupo e às entrevistas individuais, ressaltando a necessidade de um conhecimento sistematizado sobre suas práticas cotidianas, no sentido de se perceber com o que e com quem se poderia realmente contar como retaguarda, assim como subsidiar o entendimento necessário para as possíveis relações com o todo.

3.2.4.1. Contexto

Foi feito o levantamento sobre o que consistia o espaço, quais as atividades que coexistiam, onde e como elas se inseriam no contexto.

3.2.4.2. Estratégias de Sobrevivência

Levantaram-se as estratégias de sobrevivência utilizadas, subdividindo-se em:

- Atividades de Geração de Renda: foram listadas as formas das meninas conseguirem dinheiro, incluindo as "ilícitas".
- Relações Interpessoais: foram levantadas as relações e o tipo de vínculo que as caracterizava.
- Práticas de Risco: foram levantadas as práticas, por elas vivenciadas, que envolviam algum tipo de risco a nível físico ou psicológico, dando-se especial atenção às

práticas sexuais, já que se objetivava dar atenção especial, preventiva, a este respeito.

3.2.4.3. Acontecimentos Significativos

Foram relacionados e discutidos quais os acontecimentos mais significativos no que tange às questões de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, assim como, quanto à gravidez e abortos que haviam sido vivenciados pelo grupo, enfatizando, inclusive, as formas de enfrentamento utilizadas e as mudanças ocasionadas em função destas situações.

3.2.4.4. Vínculos Familiares e Escolaridade

Foram levantados, durante as entrevistas individuais, os vínculos familiares, e a relação com a escola, bem como, os sentimentos que permeavam estes vínculos.

3.2.5. Conhecimentos Sobre Sexualidade

A coleta destes dados se deu durante as entrevistas e/ou a partir das conversas informais no grupo e que precediam em cada encontro o repasse de informações sobre o tema em foco.

3.2.5.1. Sobre o Corpo

Estes dados foram coletados a partir de um exercício de dinâmica de grupo, onde cada menina representava uma parte do corpo feminino, tendo de falar sobre ela. Somaram-se ainda sessões de desenho sobre o corpo a nível externo e interno. Partindo-se deste material, é que foram repassadas as informações científicas sobre o corpo, tanto do feminino como do masculino. Foi um momento de muitos "risos" e descobertas.

3.2.5.2. Sobre Contracepção

Foram levantadas as formas de evitar a gravidez nas situações de

trabalho em grupo, onde cada menina falava das formas que conhecia, tendo usado ou não, na sua prática cotidiana. Este momento também precedia o repasse das informações sobre os métodos contraceptivos, ressaltando sempre a necessidade de uma consulta médica para a escolha do método e acompanhamento da utilização sistemática.

3.2.5.3. Sobre a Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis

Foram relacionadas as doenças sexualmente transmissíveis que eram conhecidas pelo grupo e qual a estratégia de prevenção a ser utilizada de acordo com o já vivido por elas ou por alguém conhecido. Este levantamento precedia o repasse das informações adequadas.

3.2.6. Práticas Sexuais e Sentimentos

Foram relacionadas, a partir das entrevistas individuais, quais as práticas sexuais mais frequentes e que sentimentos perpassavam essas práticas, de acordo com a parceria.

3.2.7. Percepção de si

Estes dados foram coletados a partir das entrevistas individuais, e enfatizavam a percepção da adolescente, sobre si mesma, enquanto mulher.

3.2.8. Análise de Cotidiano

Esta etapa consistiu na sistematização e organização dos dados. Criaram-se categorias onde foram inseridos os dados pesquisados, na tentativa de criar um corpo de conhecimentos que exprimisse, ainda que parcialmente, o perfil da situação das meninas no que tange às questões acima citadas. Os dados foram estudados separadamente, tentando detalhá-los ao máximo, levando em consideração suas contradições e procurando entendê-los à luz do referencial teórico, abrangendo o maior número de aspectos do fenômeno.

4. RESULTADOS

... e o fim de nossa viagem será chegar ao lugar de onde partimos. E conhecê-lo então pela primeira vez.

T. S. Eliot

4.1. Contexto

O Mercado do Ver-o-Peso é o principal mercado da zona metropolitana de Belém. Sito às margens do rio Guamá, é a entrada da cidade para quem vem pelo rio. Além de sua função como feira, é também uma das mais famosas atrações turísticas da cidade. Em área muito próxima, quase em continuação deste, se situa a Feira do Açaí, local onde descarregam dos barcos, entre outras frutas, o açaí vindo da região das ilhas. Próximo ao porto se localizam algumas barracas que funcionam como bares, e que permanecem no período da tarde e, principalmente à noite, repletos de gente oriunda da área do comércio, que se situa próximo ao Ver-o-Peso e à Feira do Açaí, bem como turistas e visitantes de outros Estados e do interior do Estado. São locais sempre muito movimentados e, freqüentados por grupos de pessoas as mais diversas, oferecendo locais privilegiados para vendas, mendicância, roubo e prostituição.

4.2. Estratégias de Sobrevivência

4.2.1. Atividades de Geração de Renda:

As principais atividades observadas e/ou relatadas pela população pesquisada, a nível de geração de renda, foram as atividades abaixo relacionadas por freqüência de ocorrência:

– **Venda:** dos mais diversos objetos (chiclette, saco, pentes, balas, bombons, cigarro a retalho e outros). Às vezes estas vendas são feitas também por outros membros da família, no mesmo local ou não, constituindo famílias inteiras que sobrevivem da venda de objetos os mais diversos. Importante ressaltar a venda simbólica, quando o objeto é vendido, pago, mas não é levado pelo comprador, possibilitando a revenda.

"Nós, lá em casa tudo trabalha com venda. Quando faz 7 anos, a mãe ensina a pegá o ônibus e manda pra rua, pra ajudá ela a pagá o aluguel e a comida" (M.R.S, 12 anos)

– **Mendicância:** pedem desde dinheiro até alimento e vale transporte, sendo este revendido ou repassado para outros membros da família, já que elas utilizam o

ônibus sem pagar. O alimento é pedido na feira da comida, nos bares próximos ou para os feirantes, e significa uma economia do dinheiro arrecadado nas vendas.

"Eu peço quando a venda tá fraca e tá chegando a hora de ir pra casa, as vez também quando dá fome e eu não quero gastá o da venda" (L.T., 14 anos)

- **Prostituição:** se submetem a situações que vão desde apenas carícias íntimas até a situação de consumação de uma relação sexual. Apesar de ser uma saída para aumentar o dinheiro arrecadado no dia, nem sempre isto acontece, pois muitas vezes o "pagamento" não é feito, ficando apenas a promessa de ganhar um objeto de interesse, como uma roupa, um sapato, etc... Ou então o que é dado em troca é um prato de comida ou um sanduiche. Ressaltando, porém, a existência de um esquema de mediação da situação de prostituição envolvendo meninos, que também transitam na área, feirantes e motoristas de táxi. Em qualquer das situações, o domínio da situação é masculino, sendo a menina tratada, em todas as instâncias, como um objeto.

"Eu conheço umas menina que sai com os home daqui da feira, eles dão comida e roupa, dão até cerveja, mas elas não gosta deles só sai por precisão" (S.S.R., 13 anos)

- **Roubo:** não é uma atividade sistemática entre as meninas, ficando mais a cargo dos meninos, por existir a crença de que a menina é "covarde e fraca e tem medo da polícia" (o espaço da rua é também impregnado pelo machismo). Porém, com relativa freqüência ocorrem pequenos furtos por parte delas.

"As vez as mulher tão de bobeira, com a bolsa aberta, ai é só tirá o que dé e corrê, mas eu só faço quando tem cara de perua, que aí não precisa" (R. F., 11 anos)

- **Lavagem de Roupas nos Barcos:** é uma atividade esporádica e consiste em lavar a roupa dos tripulantes do barco, enquanto este descarrega a mercadoria. É frequente, nestas situações, "cantadas" e abuso sexual.

"Tem um home que é lá do meu interior, o Acará pra colá do rio que ele descarrega acaí aqui, aí as vez eu lavo a roupa suja dele e ele me dá uns boró e dá comida. Quando ele tá de porre fica querendo me agarrá e pega no meu peito, mas ele fede muito e eu tenho nojo" (C. D. 15 anos)

- **Cozinhar nos Barcos:** mesmas características da atividade acima citada. Ambas as situações envolvem as adolescentes acima de 15 anos.

"A minha mãe tomava conta de uma barraca de fazê tapiquinha, aqui na feira, aí de vez em quando eu vinha com ela e ia cozinhá pros home lá no barco, e aí eles pagava pra minha mãe." (F. R. S. 16 anos).

- **Tomar conta de carros:** atividades desempenhadas quase exclusivamente pelos

meninos, que em situação de "camaradagem" permitem que elas ocupem, eventualmente, um espaço restrito, em parceria.

"Quando eu tô sem vendê quase nada, aí tem um menino, o Z., que é meu amigo, deixa eu tomá conta dos carro com ele, e me dá uns trocado, mas é que ele também tem que levá pra casa dinheiro, se não ele tá lascado, o padrasto dele dá porrada e bota ele pra dormi no chão." (L. C., 13 anos)

É importante ressaltar que elas encaram a vida de trabalho com muita seriedade, obedecendo a uma rotina, com horários estipulados, para chegada e saída da rua, locais mais estratégicos de acordo com horário e dia, estando o horário da rua justaposto a outras atividades a nível do espaço doméstico e, em alguns poucos casos, à escola também. Esta situação se diferencia nos casos das meninas que moravam na rua (apenas 3), embora estas também obedecessem a uma rotina compatível com o seu esquema de vida, porém com uma flexibilidade de horários e diversidade de atividades maior.

4.2.2. Relações Interpessoais

Entre as meninas: as relações se caracterizam pelo companheirismo e pela amizade, permeada por situações de desavença freqüentes e competição entre elas. Porém é inquestionável a rede de solidariedade e apoio que se estabelece a partir das situações de dificuldade e doença, ou mesmo de ^{de} pressão ou tristeza. Andam quase sempre em grupos pequenos de 3 ou 4 meninas, geralmente de idade proximal. Possuem, geralmente, 1 ou 2 amigas íntimas, com quem dividem mais intensa e intimamente seus sentimentos, dúvidas e anseios. Quase sempre têm algumas poucas colegas no bairro onde moram, porém em caráter de descontinuidade, já que muito pouco participam da vida na vizinhança de seu local de moradia, por pouco tempo passarem em casa.

"Eu gosto das menina daqui (da área da Feira do Açaí), elas dão sempre força quando a gente tem precisão, mas tem umas invejosa que gosta de passá na frente quando vem freguês, mas a maioria é muito legal. Os meus pobrema eu conto memo e pra F. que é muito amiga minha. A gente só anda junta, ela também vende rosquinha e chicreti."

Com os meninos: são relações contraditórias, embora estes estejam em uma situação muito semelhante a delas, se colocam em uma situação de superioridade em relação a elas. Muitas vezes mantêm relações amorosas e sexuais com alguns deles, manifestando expectativas de poder melhorar de vida para ficarem juntos

um dia (sem precisão de tempo). São protegidas em algumas situações, como pouca idade, gravidez ou doença, ou agenciadas por eles, para ganharem alguns trocados e, em parceria com alguns motoristas de táxi e feirantes, levam as meninas mais bonitas para oferecerem para donos de boites e casas de prostituição, embora o menino leve muito pouco nestas transações, sendo difícil detectar o processo com clareza, por ser este envolvido em um forte esquema de clandestinidade e conivência de todos os lados.

São relações ambivalentes, que vão da proteção à exploração, com situações claras de dominação baseadas nos papéis sexuais masculino e feminino, com conotação machista e sexista. São relações de dominação/proteção, exploração/ solidariedade, amplamente reforçadas por ambas as partes.

Para a menina fazer parte de um grupo é necessário que ela passe por todo um ritual de entrada, que passa pela fidelidade às normas e lealdade a todos os membros do grupo, estando muitas vezes práticas sexuais envolvidas neste processo de aceitação no grupo, e asseguradas punições violentas caso haja traição ou transgressão de qualquer norma do grupo.

"Eu namoro com o R. há alguns meses. ele foi meu primeiro home, eu era virge e só sabia de sexo o que as minhas colega falava. Ele me protege e à minha irmã menor que vem pra rua comigo, e quando ele tem, me dá grana na hora deu voltá pra casa, de noite. A minha mãe num sabe de nada, e eu nem quero que ela sabe se não vai torrã o saco. Eu tenho vontade de morá com ele, mas ele e fudido que nem eu, só se nós morá na rua." (R. A. 13 anos)

Com os feirantes e os barraqueiros: são relações também contraditórias, já que as meninas se sentem aceitas por alguns e rejeitadas por outros. Porém, utilizam frequentemente sedução como forma de garantir a aceitação e o "afeto", garantia de proteção e muitas vezes comida e água para beber, ajuda nos momentos de doença. A relação com as feirantes é permeada em algumas situações por vínculos maternos, percebidos por elas como piedade e bondade. Porém, em outras circunstâncias são "agenciadas" por elas, para situações de prostituição. Com os feirantes e barraqueiros, a contradição se forja e se expressa mais claramente. Elas são agredidas em algumas situações, inclusive fisicamente, bem como aliciadas e seduzidas por eles muitas vezes, se utilizando amplamente deste jogo de sedução, onde se interpenetram amor e ódio, aceitação e desvalorização, "privilégios" e abandono.

"A gente aqui é muito esculhambada, todo mundo acha que pode mandá na gente, tem os pessoal ai da feira, que tem dia que são legal, dão água quando a gente pede, mas também tem uns que só que se aproveita, só dão as coisa se a gente alisar e fizé boquete... E a gente nem pode dize não, nós tem precisão deles". (R. B. 14 anos)

Com os "fregueses": Elas desenvolvem toda uma estratégia de venda, que vai desde a forma de abordar o freguês, de oferecer o produto, inclusive com "promoções" e "descontos" especiais. De acordo com o jeito da pessoa a ser abordada o discurso se modifica, ora apelando para a piedade ora para o interesse até simuladamente ou não sexual. Sendo a venda simbólica o maior objetivo, já que possibilita a revenda da mercadoria. Recebem em troca, além do dinheiro da venda : conselhos, cantadas, desprezo, ofensas e algumas vezes são absolutamente ignoradas, adquirindo um caráter de invisibilidade, que as magoa muito até do que a vilência.

"Eu sei vendê bem, levo o maió jeito. Eu olho pra figura, aí dependendo eu digo: "pôxa moca to cum fome compra só um zinho, meu irmão tá doente e minha mãe num tem dinheiro pra comprá remédio" ou se tem cara de escroto, eu faco promoção que nem lá da Lobrás, 3 cum preco de 2 e vô vendendo. Até que o pessoal compra, eles tem pena da gente".

OBSERVAÇÃO: foram levantadas ainda outras relações significativas, como com a polícia e os motoristas de táxi que atuam nos pontos da área. Em ambas as situações são relações permeadas pela sedução e pela medição das situações de prostituição. Basicamente os taxistas transportam, o que foi articulado pelos meninos e/ou por alguns feirantes, com "a falta de observação" da polícia.

4.2.3. Práticas de Risco

4.2.3.1. Psico-Sociais

- Ausência de afeto na maioria das relações que permeiam o cotidiano.
- Referências depreciativas e discriminatórias por parte do meio social, levando-as a uma baixa auto-estima e auto-desvalorização, interferindo desfavoravelmente na formação da identidade.
- Situação de desamparo: a necessidade de resolver sozinha seus próprios problemas na rua, bem como ser responsável pela sua própria sobrevivência durante períodos longos na rua (12 a 15 horas diárias).
- Ausência de um espaço de escuta e colo: a solidão de lidar sozinha com suas dúvidas, tristezas e dissabores, tendo apenas as outras meninas como consolo nas situações difíceis.
- Cobranças excessivas: principalmente da família, estipulando quantias excessivas

para a menina levar para casa ao voltar da rua, com ameaças de castigos e punições caso não alcance a meta, fazendo a menina permanecer na rua, com medo da violência ao retornar ao lar.

- Abuso Sexual: tanto no seio da família e/ou grupo de referência e vizinhança, chegando algumas vezes à violência e estupro. O mesmo risco ela corre na rua. A grande maioria das entrevistadas já havia sido submetida a uma ou mais situações de abuso e violência sexual.
- Práticas Sexuais de Risco: nenhuma das entrevistadas, já com vida sexual ativa, transava com o parceiro usando camisinha, à revelia da prática sexual ser vaginal ou anal.
- Desinformação: falta de conhecimentos adequados acerca de questões ligadas à contracepção e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, utilizando prevenção inadequada e ineficaz. Assim como dificuldade de detectar os sintomas compatíveis com as doenças ginecológicas.
- Ausência de Assistência Médica: a todos os níveis, em qualquer manifestação de doença, usam remédios caseiros ou se auto-medicam ou a família ou as companheiras na rua o fazem.
- Alimentação: em pouca quantidade e de procedência duvidosa, muitas vezes comendo restos deixados nas mesas dos bares ou nos pratos na praça da comida do Ver-o-Peso.
- Ingesta de Água: em quantidade menor do que o necessário para as horas de exposição ao sol, sendo na maioria água não potável.
- Higiene Precária: durante o tempo de permanência na rua as possibilidades de banho e higiene íntima são precárias, ocasionando infestação de sarna, piolho e escabiose com frequência.
- Sono: horário irregular e inferior ao necessário para a idade, ocasionando um cansaço crônico.
- Violência Física: é submetida com frequência, tanto na família quanto na rua.
- Drogas: fácil acesso e consumo quase inevitável por pressão do grupo. Da população pesquisada, apenas 9 nunca tinham tido contato com algum tipo de droga.

4.3. Acontecimentos Significativos

- **Gravidez:** das 36 entrevistadas:
 - 14 nunca tinham engravidado, apesar de 10 manterem vida sexual ativa, embora eventual. 4 nunca haviam mantido relação sexual (até abril de 92);
 - 12 haviam engravidado apenas 1 vez;
 - 7 haviam engravidado entre 2 e 3 vezes;
 - 3 ainda não menstruavam.
- **Abortamento:** das 19 que já haviam engravidado:
 - 10 levaram a gestação a termo;
 - 3 o bebê já nasceu morto;
 - 1 o bebê morreu com 2 semanas de vida;
 - 2 o bebê foi doado pela mãe da adolescente, logo após o nascimento, ainda na maternidade, em um dos casos sem o consentimento da adolescente;
 - 3 o bebê está sendo criado, junto com ela, pela família de origem;
 - 1 o bebê está em uma Instituição Estadual.
- 8 provocaram o aborto:
 - 1 a mãe a levou em uma "mulher" (que a adolescente não sabe quem é) que fez uma curetagem, após 5 dias ela foi parar no Hospital da Fundação Santa Casa, com muita dor e sangramento, tendo permanecido muitos dias internada, segundo a adolescente, passando muito mal;
 - 4 tomaram ervas e rémédios que conseguiram com uma feirante e após 2 dias tiveram sangramento e muita dor;
 - 1 tomou "Citotec" que a irmã mais velha arranhou e deu para ela tomar. Teve dores e sangramento e foi para o Pronto Socorro;
 - 2 foram levadas por parentes ou colegas para fazer uma curetagem sem anestesia;
- 1 acha que esteve grávida e teve um aborto espontâneo.
- **Contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis:**
 - Das adolescentes que já tinham vida sexual ativa, nenhuma soube relatar se havia sido contaminada ou não, embora das 29, 19 tivessem referido coceira, prurido, corrimento, ou o aparecimento de "feridinhas", embora não tenham procurado o

Posto de Saúde, usando apenas remédios caseiros ensinados pelas colegas.

"Quando eu fiquei grávida a primeira vez, fazia pouco tempo que eu trepava, e só sube quando o nenên começou a se mexê e a barriga foi ficando grande. Ai eu fiquei esperando, com medo da minha tia descobri, mas quando ela descobriu ela me levou no Centro (de saúde), eu fiz uns exame com a doutora e ela disse que só faltava 2 mês pra nascê. Ai eu fui tê lá na Santa Casa porque teve de cortá minha barriga pro nenên sai. Ele ficou lá e depois de 2 semanas ele morreu todo roxinho. Ele era muito feio, mas eu também sou, mas eu já gostava dele, mas foi melhó pra ele se não ia vivê essa vida desgraçada que eu levo" (E. F. 16 anos)

"Minha mãe me levô lá na mulher de fazê aborto, era lá pro Guamá, ela disse que eu tinha que ir se não eu levava uma surra pra dexá de sê uma sem vergonha. Eu fiquei com muito medo, me deu ate caganeira mas era o jeito. Lá eu num me lembro de nada, deram um negocio forte pra mim cheirá, ai eu só me lembro já de tá voltando. Eu vinha cum vontade de baldiar e a minha cabeça tava estalando de dô. Quando eu cheguei em casa eu dormi e depois de uns 2 dia eu tava cum muita febre e dor na barriga e o sangue la em baixo num parava. Ai a vizinha me levô de pois de 5 dia pra a Santa Casa porque eu gritava muito de dô, la eu quase morri. Foi horrive, eu acho até que depois disso eu fiquei estérís." (S. M., 14 anos)

"Eu já ouvi falá dessa doença, é venérica mas eu nunca tive, eu só tenho umas coceira e floris branca, mas eu sento na agua quente com mastruz, e passa" (M. A. R., 15 anos)

4.4. Vínculos Familiares e Escolaridade

– Das 36 entrevistadas:

- 26 mantêm vínculos familiares, tendo a obrigação de voltar todo dia para casa, e quando não o fazem, vem alguém da família procurar;
- das 26, mais da metade, 16, vivem em famílias chefiadas por mulheres, a mãe, a avó ou uma tia. A maioria não vê o pai há algum tempo ou porque este sumiu, ou está preso, ou morreu;
- 5 vivem em uma família nuclear de prole entre 4 e 6 filhos, com o seu pai verdadeiro;
- 4 vivem em uma família constituída pela mãe, irmãos das várias ligações da mãe e o atual padrasto;
- 1 vive com o pai e 5 irmãos, após a morte da mãe, vítima de um atropelamento;
- 7 mantêm vínculo familiar, mas não obrigatoriamente voltam para casa todos os dias, só quando estão precisando e têm dinheiro para levar;
- 3 perderam completamente o vínculo com a família, sendo uma delas oriunda do interior do Estado e outra do Estado do Maranhão. 2 delas já passaram por internato e 1 veio de um garimpo após viver 2 anos lá, e ter se amigado com um garimpeiro que pagou sua dívida junto ao dono da boite onde era striper e prostituta; quando este voltou para sua cidade natal a deixou em Belém;

- Das 26, que mantêm vínculos regulares com a família, todas são responsáveis por parte do trabalho doméstico, que o fazem antes ou depois do trabalho na rua.
- Das 36 entrevistadas:
 - 1 foi estuprada pelo padrasto,(com quem a mãe vive até hoje), quando tinha 11 anos;
 - 15 já foram vítimas de algum tipo de abuso sexual por algum membro da família, nem sempre considerado pela menina ou adolescente como uma violência;
 - 8 negam qualquer tipo de situação semelhante na família;
 - 12 entrevistadas não forneceram nenhum dado a respeito, apesar do assunto ter sido questionado durante as entrevistas.
- Das 36 entrevistadas:
 - 12 nunca foram à escola;
 - 16 já foram à escola mas abandonaram antes de concluírem a 4ª série do 1º grau;
 - 8 se encontram regularmente matriculadas e freqüentam a escola sistematicamente embora faltem com relativa freqüência.

"Eu vivo com a mãe e 5 irmão, 1 vem junto comigo pra cá as vêz, sempre chego aqui (na Feira do Açai) lá pelas 4 horas (da tarde) e volto pra casa lá pelas meia-noite. De manhã eu drumo e depois faço os serviço da casa, porque a mãe sai muito cedo pra casa onde ela trabalha de cunzinhara, ela dêxa a cumida pronta, eu esquento e dô pros moleque, lavo a roupa e a minha irmã limpa a casa. Eu gosto de vim pra cá, que pelo menos a gente se interte e nem vê o tempo passá. Só fico cansada a noite, as vez eu cuchilo no ônibus, mas como eu vô até o fim da linha não tem pobrema. A mãe se preocupa cum nós, quando tá doente, ela num dexa vi pra rua vende." (A. E. L., 12 anos)

"Sai de casa há muito tempo, lá eu só apanhava e passava fome, fui com uma muié pra trabalhar em Araguaína, mas ela era um pentelho, vivia enchendo o saco. Fui embora da casa dela pra fazê faxina num bar, ai me convidaram pra ir pro garimpo, umas colega disse que lá eles pagava em oro e era bom de enricar. Fui pro Cuiu-Cuiu, mas lá foi um inferno maior, fiquei doente de malária e quase morri dum aborto e só cumia se fizesse o salão e o show de "stip tease". Ai conheci o N. que pagou minha divida e me levô pra mora cum ele pra cuzinhar, lavá roupa e sê muié dele. Quando ele teve que vorta pra terra dele me dexô aqui em Belém e eu tô por aqui, não sei até quando." (M. P., 16 anos)

"Meu padrasto quando foi morá lá em casa ate que ele era bom, mas ai ele começô a chegá de porre e toda vez que a mãe num tava perto ele queria me garrá, até que um dia a mãe foi ficá no Hospital cum meu irmão menor, e ele me garrô a força e meteu nin mim, doeu muito e ele tapava minha boca preu num gritá, ele mordeu minha teta de sai sangue e me descabaçô... Eu chorei muito, mas quando contei pra mãe ela disse que era mintira minha, que era fôfoca minha porque eu não gostava dele. Eu agora odeio ela também, mas assim que eu pudé eu vo fugi de casa" (C. F., 14 anos)

"Eu fui pra escola inté o ano passado, mas ai eu num conseguia tirá nota boa na prova, eu nunca passava de ano. Ai todo mundo e depois a fessora tambem comecarum a mi chamá de burra, retardada e a minha tia tirô eu dessa escola. Agora eu só vô voltá quando tiver vaga noira." (I. M., 11 anos)

OBSERVAÇÃO: Os grupos de moradia são predominantemente maiores do que as

instalações físicas disponíveis. Há uma predominância ainda por famílias chefiadas por mulheres, sendo freqüente a presença de parentes do interior ou que não têm condições de pagar uma casa por falta de rendimentos suficientes, estabelecendo um processo de socialização da miséria do cotidiano. A privacidade no espaço de moradia é absolutamente impossibilitada, face ao exposto.

4.5. Conhecimentos sobre Sexualidade

4.5.1. Sobre o corpo

Todas as 36 meninas e adolescentes tinham uma idéia muito vaga e inespecífica sobre como era o seu corpo internamente. Sendo o útero o órgão mais citado por elas, referenciando a questão de ser ele um lugar relacionado à procriação, porém sem terem clareza sobre como acontece a fecundação e o desenvolvimento da gravidez.

- Sobre o útero foi citado ser:
 - o lugar do sangue da menstruação
 - uma caixa para guardar o bebê
 - é o que faz a mulher menstruar
 - é a barriga por dentro
 - é uma parte da "tripa"
 - é de onde nasce o nenê
 - é onde faz o nenê
 - é onde dá câncer
 - parte da mulher que dói na relação
 - 61% não respondeu (22 entrevistadas)
- Sobre os ovários foi citado serem:
 - onde tem o ôvo da mulher
 - onde fica a criança
 - 72% não respondeu (26 entrevistadas)
- Sobre as trompas foi citado serem:
 - o lugar onde opera para não ter filho

- onde fica a "gala" (esperma) do homem
- lugar do corpo onde a mulher engravida
- 75% não respondeu (27 entrevistadas)
- Sobre a menstruação:
 - É o sangue do útero que desce
 - E para saber se está grávida ou não
 - É castigo para a mulher
 - É para saber quando fica "moça"
 - São as sujeiras da mulher que saem
 - Não pode lavar a cabeça
 - Não pode "pegar sereno, nem chuva"
 - 38% não respondeu (14 entrevistadas)

OBSERVAÇÃO: A idade da menarca oscilou entre 12 e 15 anos, a maioria das entrevistadas relatou "cólicas" no dia anterior, e/ou no 1º e 2º dia da menstruação. Foram citadas, com frequência, a irregularidade do ciclo e o excesso ou escassez de fluxo, porém nenhuma havia feito, até então, uma consulta ginecológica. Os sentimentos mais frequentemente referenciados foram os de : incômodo, nojo, dor, rejeição à situação, frustração.

- Sobre o período fértil:
 - É quando a mulher pode ficar grávida
 - Quando ela fica com vontade de ter relação
 - É quando a mulher já pode ter filho
 - 75% não respondeu (27 entrevistadas)

OBSERVAÇÃO: Sobre a vagina, a grande maioria não sabia como era constituída na sua totalidade, desconhecendo ser o clitóris a mais significativa zona erógena, considerando que deveriam ter orgasmo a partir da penetração apenas. A maioria considerava o cheiro peculiar da vagina como desagradável, tendo inclusive vergonha de seu próprio cheiro. É importante ressaltar ainda a confusão que é feita por elas em torno da diferenciação entre a lubrificação natural da vagina e o corrimento, já de caráter patológico.

- Sobre o corpo masculino:

Todas as entrevistadas só souberam citar o pênis, a bolsa escrotal e

o esperma. A nível dos órgãos internos, estes não foram citados por elas em nenhum momento, relacionando o prazer do homem apenas com a ereção e a ejaculação, considerando ser o pênis a única zona erógena do homem.

4.5.2. Sobre Contracepção

- Métodos conhecidos (utilizados ou não)
- Pílula
- Camisinha
- Coito interrompido
- Banho de assento após a relação sexual
- "Fazer xixi" logo após a relação sexual
- Evitar as posições em que a mulher fique por baixo, porque a "gala" (esperma) escorrega
- Chá de sena bem forte, 1 vez por semana
- Tomar amica, 1 colher por dia
- Não ter relações durante a menstruação
- Não ter "gozo" (orgasmo) na relação
- 44% não respondeu (16 entrevistadas)

OBSERVAÇÃO: Os métodos acima citados foram permeados pela crença de que só necessita deles quem mantém relações sexuais todos os dias, ou várias vezes por semana.

4.5.3. Sobre a Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis

Não relataram nenhuma forma de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Ao serem questionadas acerca da AIDS, 44% citaram saber que necessita o uso de camisinha para se proteger da doença ,mas nunca haviam usado. 75% nunca tinham sequer tido em mãos uma camisinha, tendo visto apenas na televisão.

4.6. Práticas Sexuais e Sentimentos

- Práticas mais frequentes:

- sexo vaginal
- sexo oral (feito pela adolescente no parceiro)
- excitação manual do parceiro
- sexo anal (mais raramente)
- "mènage a trois" (mais raramente)
- práticas sado-masoquistas (relatado por 1 entrevistada)
- Sentimentos correlatos à prática sexual

Quando a parceria é escolhida pela adolescente, foi relatada a sensação de prazer durante a relação sexual, mas raramente acompanhada de orgasmo.

"Quando eu tenho relação com o J. é gostoso, ele é porreta cumigo e tem o maior tesão nimim, e só encosta nele, que ele fica...hum... daquele jeito...a senhora sabe, né? O pobrema é que a gente num tem um lugá legal pra se encontra, ai eu fico cum medo que vem alguem aí eu nunca chego no final, mas é bom assim mesmo" (L. S., 15 anos)

Quando a escolha não cabe a elas, foram mencionados sentimentos de dor, nojo, nervosismo, náuseas, distanciamento da situação, prazer (foi mencionado por 3 meninas), raiva e "vontade de chorar"

"Tem um velho, que ele vive mi aperrriando aqui na Feira (Feira do Açaí), ele paga merenda e dá presente de ropa e chinelo, às vez ele me leva prum quartinho, que fica atrás dum bar do amigo dele, ele é tarado, eu fico cum medo, ai eu começo a pensá notras coisa até ele acaba de fazê o que ele qué. Só é ruim depois que fica tudo grudento" (B. C. 16 anos)

4.7. Percepção de Si (como mulher)

- As expressões por ordem de ocorrência:
 - Uma "merda": 22% (8 entrevistadas)
 - "Ainda não sou": 16% (6 entrevistadas)
 - Uma coitada: 14% (5 entrevistadas)
 - Uma perdida: 14% (5 entrevistadas)
 - "Escrota": 11% (4 entrevistadas)
 - Feia: 5% (2 entrevistadas)
 - "Ninguém me quer de verdade": 3% (1 entrevistada)
 - Uma batalhadora: 3% (1 entrevistada)
 - não sei: 11% (4 entrevistadas)

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

"O essencial é aquilo que, se nos fosse roubado, morreríamos. O que não pode ser esquecido. Substância do nosso corpo e da nossa alma. Por isto as pessoas se suicidam., quando se sentem roubadas do essencial, mutiladas sem remédio, e a vida, então, não mais vale a pena ser vivida".

Rubem Alves

Os dados acima remetem a múltiplas formas de análise, porém, gostaria de analisá-los à luz do vivido durante os 2 anos que convivi com este grupo, através da experiência de um programa informal de Educação Sexual.

A escolha do Ver-o-Peso e da Feira do Açaí se deu através de uma convivência antiga com a área em questão, e por ela traduzir, por si só, a contradição que é Belém: o antigo e o novo, o rio e o asfalto convivendo quase "harmonicamente". Paralelo a isto, na época (janeiro de 1991), foram feitas uma série de reportagens na imprensa escrita, acerca da questão do aumento significativo de meninas na referida área, e o Centro de Defesa do Menor havia feito uma pesquisa recentemente, de abril de 1988 a maio de 1989, sobre o cotidiano de miséria e as formas de exploração sexual das meninas.

No item sobre as estratégias de sobrevivência, se faz evidente ser a dificuldade econômica da família e a venda de qualquer objeto, o passe de entrada para a vida na rua. Ao se depararem com a situação difícil de ter que vender o suficiente para voltar para casa, e ainda as estratégias de geração de renda instaladas e sendo exploradas por outras crianças e adolescentes nos mesmos espaços, começam então a diversificarem as formas de conseguir o mínimo indispensável para continuarem vivendo.

São colocadas como "alternativas", para as meninas menores, a mendicância, para as adolescentes, a prostituição. O roubo não é muito freqüente, sendo uma atividade mais praticada pelos meninos e pelos adolescentes, assim como tomar conta de carros no estacionamento e nas imediações da feira. Perceber estas atividades como trabalho, remetem essas crianças ao mundo das responsabilidades, das cobranças, dos horários, das duplas e até das triplas jornadas de trabalho superpostas, ao mundo da exploração do homem pelo homem. Do homem lobo do homem. Amadurecem e "amarguram" mais cedo. Entristecem. Viram adultos antes do tempo.

As relações interpessoais são marcadas pela ambivalência e pela contradição. Pela rotina imposta, pouco permanecem na vizinhança, no bairro onde moram, participando minimamente da vida na comunidade, da vida de criança. Suas relações trazem em seu bojo a exploração, mesmo quando vêm junto a proteção e os vínculos afetivos. Aprendem a seduzir, para reverter a troca ao seu favor, não conse-

guindo, na maioria das vezes.

Apaixonam-se, e fazem planos imprecisos espaço-temporalmente, sonham como qualquer adolescente, querem melhorar de vida. Comungam com os ideais machistas e sexistas, mesmo vindo em famílias chefiadas por mulheres, anseiam pela proteção de um homem, pelo casamento, pela família nuclear da televisão. Percebe-se absolutamente impregnados os valores machistas permeando o discurso e as ações no cotidiano.

São depreciadas pelo meio social como um todo, e internalizam as ofensas, o desprezo, a invisibilidade, e vão construindo a sua identidade a partir do dito, do verbal e do não verbal, vão se percebendo, tomando como referencial o item 4.7, como desprovidas de valor, dignas de piedade, perdidas, ou se negam enquanto mulheres, mesmo já tendo todas as responsabilidades que têm no dia-a-dia, e inclusive vida sexual ativa, mas, se negar como mulher, é magicamente tentar preservar a menina, o tempo interno perdido precocemente.

No que tange às práticas de risco, estas permeiam a própria vida da menina, quase tudo o que é vivido é francamente contrário ao que se encontra garantido no Estatuto da Criança e do Adolescente. A violência se expressa, em todos os níveis, inclusive em relação a si mesma, como se lhe tivessem, parafraseando Rubem Alves "roubado o essencial": o direito de existir como cidadã, o direito de ser feliz.

Os vínculos familiares se transformam, algumas vezes, em relações desgastadas pela rotina cruel de adultos e crianças e, para se manterem vivos, investem quase todas as horas do seu dia na busca de condições materiais de existência. A falta de privacidade nos espaços de moradia facilita as situações de abuso sexual e desrespeito às crianças e adolescentes.

Dado significativo quanto à questão da vitimização sexual, é a negação em falar no assunto, evitando, inclusive no gestual, a qualquer tipo de comentários, possibilitando a inferência de que, se não foram vítimas, talvez tenham estado muito próximas de algum fato significativo a esse respeito.

Nem sempre o abuso sexual é percebido como violência, é, em muitos casos, o único toque possível, imprimindo na criança a crença de que a única via do afeto é a sexual, colocando-a muito cedo na situação de exploração do seu corpo,

desviando o trajeto do seu desejo.

O caminho da rua as distancia do caminho da escola, e as afasta do caminho da busca de melhores condições de vida. A escola não contempla as suas necessidades e interesses, se torna mais uma sobrecarga de atividade, em muitos casos, mais uma via de discriminação, através das sucessivas repetências e dificuldades de aprendizagem de um mundo que não ressoa no seu.

A sua sexualidade lhe é desconhecida, por não ter se apropriado, ainda, nem do conhecimento sobre o seu próprio corpo, nem sobre seus próprios desejos. Pouco sabe sobre seus órgãos internos, seu prazer e sua fertilidade. Pouco conhecendo, pouco pode controlar. Se vê à "mercê" dos acontecimentos, nem sempre favoráveis.

As informações que lhe são repassadas no dia-a-dia, são inadequadas para a compreensão de si mesma, enquanto mulher, e não a protegem da contaminação por DST/AIDS, nem lhe possibilitam evitar uma gravidez indesejada, conforme demonstrado no item 4.5.

Vivem o exercício da sexualidade distanciadas do seu próprio prazer, mesmo quando a parceria é a desejada. A inadequação do contexto e a desinformação a impedem de vivenciar plenamente o ato sexual. As práticas sexuais vividas, complementadas pela freqüente troca de parceria, se caracterizam como de risco, pela não utilização do preservativo pelo parceiro, expondo-as a toda sorte de mazelas, dificilmente identificáveis por elas e raramente tratadas adequadamente, conforme demonstrado nos itens 4.3., 4.5.3. e 4.6.

Estes dados foram sendo coletados, paulatinamente, no decorrer de um longo processo de construção de relações de confiança e afeto. No início, me contavam as suas histórias, como se fossem de outra pessoa, se distanciavam para poder falar de si preservando a sua intimidade. Com o desenrolar do processo fui lentamente trazendo o discurso para a 1ª pessoa. Como se buscar, sem se perceber e se assumir sujeito?

Se educar visa à mudança de atitude, a primeira é a aproximação de si mesma, enquanto sujeito e objeto da história, a busca da unidade e singularidade de sua própria vida, por mais sórdida e cruel que seja.

O ponto de partida e chegada, sempre foi nelas referenciado: nenhum saber foi destituído de importância. As informações científicas foram sempre repassadas a partir de suas histórias e de seus saberes, colocando o saber científico devidamente contextualizado e circunscrito na realidade experienciada.

O conhecimento veio a partir de historinhas, figuras, brincadeiras, técnicas de dinâmica de grupo, cartazes, teatro de bonecos, enfim, através dos recursos que eram possíveis de viver na rua.

→ Assegurar retaguardas nem sempre foi possível, por serem elas restritas e muitas vezes ineficazes, face às características do grupo. Porém, na área de saúde, estas se tornaram possíveis através da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, da Unidade de Referência Especializada - Materno Infantil e Ambulatório do MOPROM, através do projeto "Mulheres-Meninas".

Necessidades emergenciais não foram atendidas, no que tange à: alimentação, moradia, vestuário, higiene pessoal, proteção jurídica, escolaridade, atendimento odontológico e redimensionamento da rotina diária, todas estas ligadas à subsistência imediata das meninas e das adolescentes.

Muito pouco mudou na vida do grupo a nível das condições materiais de existência, continuam no espaço da rua, porém, com certeza instrumentalizadas para lidar melhor com o seu corpo, seus desejos e sua sexualidade. Possibilidades concretas de controle de sua fertilidade, do reconhecimento de sintomas que a obrigam a buscar cuidados médicos, o caminho até estes cuidados, são fatos que nos remetem a considerar fundamental a continuidade deste trabalho.

Falar da sexualidade no espaço da rua é uma via de acesso, (ainda que mínima no universo de suas necessidades) à instrumentalização vital e inadiável destas meninas, na busca da cidadania nunca vivida. É uma tentativa de devolver-lhes fragmentos do essencial que lhes foi roubado e, quem sabe, poderão mostrar aos filhos, que ELAS ESCOLHERÃO TER, que a vida vale a pena de ser vivida.

6. À GUISA DE CONCLUSÃO

...Fazemos uma Psicologia brasileira.

Tupi.

Onde o choro, emoção e desespero do povo brasileiro não são rechaçados em meras e vãs digressões teóricas. Limitações, sabemos das nossas...

Waldemar Augusto Angerami-Camon

Não trouxe no texto a palavra original. Não me remeti ao desconhecido. Só sistematizei a evidência de um fenômeno que, como em um caleidoscópio, se apresenta através dos séculos, multifacetário: a exploração e opressão da mulher amazônica. Neste fragmento do real, o objeto de estudo foi a mulher-menina. A palavra escrita, a palavra dita, corporifica o fato, o torna público e perpetuado.

Iniciei a "viagem" pelo objeto escolhido, trazendo questões que foram bússolas, nortearam teoricamente o caminho. As hipóteses da desinformação acerca de seu próprio corpo, de sua sexualidade, das formas de se prevenir de doenças e de evitar uma gravidez não desejada, bem como, do abandono permeando a vida, se presentificaram em histórias tão iguais, ao mesmo tempo únicas na sua singularidade.

Troquei histórias, troquei vida com estas 36 meninas, troquei a aprendizagem de formas alternativas de lidar com a realidade instituída, a possibilidade de instrumentalizá-las para serem pelo menos donas de sua fertilidade, quiçá de seu corpo, foi a via de acesso encontrada para "mudar o olhar", para possibilitar a crença de que existe luz do outro lado da caverna, mesmo que só se consiga ver as sombras⁹.

O objetivo inicial foi extrapolado, moldado pelo real, que se coloca quase sempre à revelia, do planejado, do imaginado. A exiguidade bibliográfica dificultou no momento inicial a construção de um referencial teórico consistente. Foi possível construir uma jangada que, mesmo sem a segurança de um transatlântico, me permitiu partir ao mar aberto e me deparar com as ondas gigantes.

Deparei-me olho a olho com a prostituição infanto-juvenil, uma das formas mais cruéis de sujeição de seres humanos a condições indignas de existência, gerada, sem dúvida, por causas econômicas e sociais inerentes ao modelo capitalista, onde a exploração, o individualismo e a competição perpassam todas as relações sociais, criando instâncias de poder nas manifestações mais simples do dia-a-dia.

No decorrer do processo fui psicóloga, pesquisadora, amiga, mãe, confidente, professora, enfim, participei intensamente da vida do grupo. Fiz do "exótico" o familiar. Busquei, no "familiar", o estranhamento para o perceber exótico¹⁰. Era preciso descobrir em mim o que nelas vi, e descobrir nelas o por mim vivido.

9. Referência ao mito da caverna de Platão.

10. Referência ao antropólogo Roberto da Matta.

A impotência sentida diante da impossibilidade concreta de mudanças estruturais e conjunturais consistentes, me paralisou em muitos momentos, quando questioneei de que adiantava estar ali, se ia poder mudar, se mudasse, muito pouco. Mas, ao retornar ao lugar habitual de encontro, e vê-las por ali como quem não quer nada já me esperando para conversar, novamente tomava fôlego, espalhava o material didático no chão, e tudo valia a pena.

Atualmente, tento legitimizar e dar continuidade, a partir do vivido, a programas informais de Educação Sexual em outras áreas, também de concentração de meninas e adolescentes. Considero que este trabalho só tem sentido se tiver continuidade e for assumido de forma institucional. É o momento de busca de parcerias.

É o momento de buscar a sintonia, uma linguagem comum, que surja da quebra da hegemonia dos discursos. E corajosamente enfrentar o trágico, como a violência, a prostituição, a ausência de cidadania, a falta de liberdade no sentido pleno, os tabus e preconceitos, e da realidade cruel ver surgir a saída. Não se deixar levar pelos "prioritários" e pelas "ausências de recursos", que mascaram institucionalmente, na maioria das vezes, a falta de preocupação, a falta de co-responsabilidade com a dignidade e a ética. É descobrir a mediação entre o que existe e o que se quer, daí surgindo o possível.

Encontro-me, neste momento, prestes a concluir mais um rito de passagem, mais um ritual do viver entre os homens. O mais belo, intenso, assustador e solitário rito. Embora seja uma "crise" forjada academicamente, onde cabe a mim o papel da fênix, a ressurreição após a descida ao "amargor" do fenômeno, ela traz junto com o gosto da vitória, a inquietação de vê-la junto aos sonhos de regênesis, arrastada na enxurrada das tragédias do cotidiano.

Nunca foi tão difícil colocar um ponto final. Ponto...

7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABERASTURY, A., KNOBEL, M. Adolescência Normal. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1981.
- ARIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- _____, BEJIN (org.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- ARRUDA, Marcos. Metodologia da Práxis e Formação dos Trabalhadores. Rio de Janeiro, PACS, 1988.
- BERNARDI, M. A Deseducação Sexual. São Paulo, Summus, 1985.
- BARROSO, Carmem, BRUSCHINI, Cristina. Educação Sexual: Debate Aberto. Petrópolis, Vozes, 1982.
- _____. Sexo e Juventude - Um Programa Educacional. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- BASTOS, A. V. B., MORRIS, L., FERNANDES, E. Saúde e Educação Sexual do Jovem: Um Estudo em Salvador. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- BRUHNS, H. (org.). Conversando sobre o Corpo. Campinas, Papirus, 1989.
- CAVALCANTI, R. C. et al. Saúde Sexual e Reprodutiva - Ensinando a Ensinar. Brasília, Art-graf Editora, 1989.
- CHARBONEAU, P. E. Educação Sexual, São Paulo, E.P.U., 1980
- CANELLA, P. R. B. Adolescência e Educação Sexual. In Revista Brasileira de Sexualidade Humana. 1990.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CONSTANTINE, L., MARTINSON, F. Sexualidade Infantil: Novos Conceitos, Novas Perspectivas. São Paulo, Rocca, 1984.
- COSTA, M. Sexualidade na Adolescência, Dilemas e Crescimento. Porto Alegre, L&PM Editores, 1990.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Meninas da Noite - A Prostituição de Meninas - Escravas no Brasil. São Paulo, Ática, 1992.
- ECO, Umberto. Como se Faz uma Tese. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

- ENDERLE, C. *Psicologia do Desenvolvimento*. Porto Alegre, Artes Medicas, 1985.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, Rio de Janeiro, Graal, 5a. ed., 1984. 2 volumes.
- GOLDBERG, Maria Amélia A. *Educação Sexual: uma Proposta, um Desafio*, São Paulo, Aruanda, 1982.
- LAKATOS, Eva M., MARCONI, Marina A. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo, Editora Atlas, 1986.
- LAMARÃO, M. L. N., OLIVEIRA, M. B. S., MARIN, R. E. A. *O Cotidiano de Miséria e Formas de Exploração Sexual de Meninas em Belém*. Belém, Centro de Defesa do Menor, 1990.
- LOBATO, Sandra Ma. Rickmann. *Educação Sexual: Reflexões sobre um Sonho*. Belém, 1992.
- LOBATO, Sandra Ma. Rickmann. *Psicologia da Saúde: Esse ainda "Desconhecido" Campo do Saber Psicológico*. Belém, 1993.
- MALDONADO, Maria Tereza P. *Psicologia da Gravidez: Parto e Puerpério*. Petrópolis. Vozes, 1985.
- _____ et alli. *A Relação Médico - Cliente em Ginecologia e Obstetrícia*. São Paulo, Atheneu, 1981.
- MANTEGA, G. (org.). *Sexo e Poder*. São Paulo, Brasiliense, 1979
- MAYLE, Peter. "O que Esta Acontecendo Comigo?" São Paulo, Mosáico, 1975.
- MIRANDA, Henrique. "não é só os Humanos..." *Percepção sobre a Criança Marginalizada na Amazônia*. - Belém, UNAMAZ, UFPa., 1992.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 2a. ed., 1983.
- NUNES, Cezar Aparecido. *Desvendando a Sexualidade*. Campinas, Papyrus, 1987.
- PICHON - RIVIERE, E. *O Processo Grupal*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1991.
- PACHECO, M. V. de A. *Controle de Natalidade, Imperialismo e FMI*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- RIBEIRO, Marcos. (org). *Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas*. Rio de Janeiro, 1993.
- TAKIUTI, Albertina Duarte. *A Mulher Adolescente: Uma Abordagem*. s.n.t

VASCONCELOS, Naumi. Os Dogmatismos Sexuais, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.

VITIELLO, N. & CONCEIÇÃO, I. S. C. O Uso de Métodos Anticoncepcionais por Adolescentes. Feminina, 1987.

VITIELLO, N. & CONCEIÇÃO, I. S. C., CANELLA, P. R. B. e CAVAL R. C. Adolescência Hoje. Ed. Roca, São Paulo, 1988.

LEI 8.069. "ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE", de 13 de julho de 1990. s.n.t.

A SITUAÇÃO DA CRIANÇA NO PARÁ. Belém, Universidade Federal do Pará, 1992.

O MANDADO DO UNICEF SOBRE A MENINA. Rio de Janeiro, CEAP, 1990

TRABALHO INFANTO JUVENIL: COMPLEMENTAÇÃO DA RENDA FAMILIAR OU CONSOLIDAÇÃO DA MISÉRIA? Rio de Janeiro, CEAP, 1991.

8. ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Área:

1. Vínculo Familiar
2. Local e Grupo de Moradia
3. Vínculo com a Escola
4. Tarefas Diárias e Rotinas (descrição de um dia típico/descrição de um dia de "folga")
5. Tarefas Domésticas
6. Estratégias de Sobrevivência (atividades de geração de renda)
7. Relações Interpessoais no Espaço da Rua
8. Menstruação (idade da menarca, peculiaridades, intercorrências, crenças e sentimentos correlatos)
9. Relação Sexual (idade e situação da 1ª. relação, práticas sexuais, frequência, parceria, sentimentos correlatos)
10. Contracepção (crenças, no. e idade de cada gravidez, estratégias de enfrentamento da situação)
11. Doenças Sexualmente Transmissíveis (crenças, situações de contaminação, estratégias de enfrentamento)
12. Conhecimentos acerca do Próprio Corpo (à nível interno e externo)
13. Conhecimentos acerca do Corpo Masculino (à nível interno externo)
14. Percepção de si

Observação: Os dados foram coletados tanto em entrevistas individuais como através dos trabalhos em grupo. Todas as perguntas foram feitas em linguagem clara, simplificando os termos técnicos e clarificando as dúvidas de compreensão da pergunta. Com 23 entrevistadas foi utilizado o gravador, com as outras, este foi retirado por estar dificultando a verbalização das mesmas ao saberem que estavam sendo gravadas.

Tese apresentada aos Srs.:

Edla Maria de - Costa

Nome dos

Componentes da

Luiz Manoel de - Costa

Banca examinadora

Maria Inês de - Costa

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, / /

p/ Edla Maria de - Costa

Coordenador Geral do IESAE